

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC  
CURSO DE HISTÓRIA**

**RODRIGO MARGOTTI**

**DALCI, DILMA, ESTELA E GLADES: MEMÓRIAS E EXPERIÊNCIAS DE  
MULHERES NEGRAS NA EDUCAÇÃO DE CRICIÚMA - SC (1960 – 1980)**

**CRICIÚMA-SC**

**2016**

**RODRIGO MARGOTTI**

**DALCI, DILMA, ESTELA E GLADES: MEMÓRIAS E EXPERIÊNCIAS DE  
MULHERES NEGRAS NA EDUCAÇÃO DE CRICIÚMA - SC (1960 - 1980)**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de licenciatura no curso de História da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientador(a): Prof.<sup>(a)</sup> Msc. Lucy Cristina Ostetto

**CRICIÚMA-SC**

**2016**

**RODRIGO MARGOTTI**

**DALCI, DILMA, ESTELA E GLADES: MEMÓRIAS E EXPERIÊNCIAS DE MULHERES NEGRAS NA EDUCAÇÃO DE CRICIÚMA – SC (1960 – 1980).**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de Licenciado, no Curso de História da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em Ensino da História e História da Educação.

Criciúma, 28 de novembro de 2016

**BANCA EXAMINADORA**

Prof. Lucy Cristina Ostetto - Mestre - (Universidade do Extremo Sul Catarinense - Unesc) - Orientadora

Prof. Marly de Oliveira Costa - Doutora - (Universidade do Extremo Sul Catarinense - Unesc)

Prof. Normélia Ondina Lalau de Farias - Especialista - (Universidade do Extremo Sul Catarinense - Unesc)

## **AGRADECIMENTOS**

Em primeiro lugar a Deus pela presença em todos os momentos e por ter me conferido força até o final.

Agradeço os meus familiares, em especial a minha mãe pelo apoio constante em todos os momentos, principalmente nos períodos difíceis com que me deparei durante o curso.

Ao meu companheiro, por me compreender, apoiar e incentivar, estando ao meu lado nesta etapa tão importante da minha vida.

Ao corpo docente da Universidade do Extremo Sul Catarinense - Unesc por proporcionar o conhecimento adquirido, pelo seu profissionalismo e competência. Em especial a minha orientadora Lucy Cristina Ostetto. No decorrer de todo o processo de formação, fortaleceu um sentimento de amizade sincera, companheira e que sempre acreditou na minha capacidade.

Aos meus colegas e futuros companheiros de trabalho. Em especial, aqueles que fizeram meus dias mais felizes na Universidade. Pelas risadas, pelos momentos de fraqueza os quais souberem fazer deles, obstáculos a serem superados.

Meu agradecimento também é direcionado as irmãs Dalci Costa da Luz, Dilma Costa dos Santos, Maria Estela Costa da Silva e Glades Alzira Costa Romão. Fonte do meu trabalho, pela disponibilidade e pela oportunidade de compartilhar suas experiências.

***“Quando o consumo cultural coletivo da desinformação e o apego à desinformação se aliam às camadas e mais camadas de mentiras que as pessoas contam em sua vida cotidiana, nossa capacidade de enfrentar a realidade diminui severamente, assim como nossa vontade de intervir e mudar as circunstâncias da injustiça.”***

**Bell hooks**

## RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso - TCC objetiva compreender a partir das lembranças de quatro irmãs negras, Dalci Costa da Luz, Dilma Costa dos Santos, Maria Estela Costa da Silva e Glades Alzira Costa Romão como se tornaram educadoras. Ou seja, por meio da história oral garimpamos as memórias destas mulheres procurando compreender num primeiro momento como vivenciaram suas infâncias no convívio familiar, abordando a identificação familiar, lembranças de brincadeiras, alimentação, vestuário e relações com a vizinhança. Em seguida, problematizamos suas experiências como educadoras, isto é, seus caminhos percorridos até chegarem ao ensino superior. Este trabalho dialoga com a História Cultural, o Gênero, a História da Educação (tópicos específicos pertinentes a área), a Memória, a Infância e História das populações afrodescendentes. A educação para essas irmãs representou sobretudo uma conquista e um status social no período em que as mesmas entram para a área educacional - 1960-1980. No entanto, presenciaram algumas situações de preconceito durante suas experiências como professoras negras. Logo, é possível perceber que a educação tornou-se um empoderamento para essas professoras. Sabendo-se que as populações afro-brasileiras tiveram durante tanto tempo, o acesso negado à educação e, sobretudo o ingresso ao ensino superior, ter na família quatro professoras é uma exceção.

**Palavras-chave:** Memória. Educação. Mulheres negras.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Dilma na cerimônia da 1ª Comunhão em 1960.....	14
Figura 2 - Estela na cerimônia da 1ª comunhão em 1972.....	15
Figura 3 - Glades, da direita para a esquerda.....	15
Figura 4 - Dilma, a terceira da esquerda para a direita na parte de trás da foto. Nessa época, já era diretora da Escola Rubens de Arruda Ramos no bairro Nossa Senhora da Salete – Criciúma/SC. Turma do terceiro ano do ensino médio juntamente com algumas colegas .....	54
Figura 5 - Estela na formatura do curso de Pedagogia na Universidade do Extremo Sul Catarinense - Unesc, em 1994.....	56
Figura 6 - Glades, quarta da esquerda para a direita na. Formatura do curso de Pedagogia da Universidade do Extremo Sul Catarinense em 1989.....	58

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>8</b>
<b>2 LEMBRANÇAS INFANTIS: JEITOS DE SER CRIANÇA.....</b>	<b>14</b>
2.1 DA FAMÍLIA .....	16
2.2 “A NOSSA MÃE TINHA QUE NOS ARRUMAR DO JEITO QUE ELA ACHAVA QUE ERA O CERTO”: AS IRMÃS E OS MODOS DE SE VESTIREM, A ALIMENTAÇÃO [...].....	23
2.3 A ESCOLA E A RELAÇÃO COM A VIZINHANÇA .....	28
2.4 “NÓS FAZIA MUITA, MUITA “ARTE!””: AS BRINCADEIRAS .....	31
<b>3 TRAJETÓRIAS DAS IRMÃS PROFESSORAS.....</b>	<b>38</b>
3.1 AS IRMÃS NA EDUCAÇÃO: AS FORMAÇÕES ESCOLARES .....	51
<b>4 CONCLUSÃO .....</b>	<b>59</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>62</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A Lei 10.639/03 de caráter nacional visa à obrigatoriedade do ensino da história e cultura africana e afro-brasileira em escolas públicas e particulares, contribuindo para uma educação que contemple as diversidades da população brasileira. Com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e o parecer do CNE/CP 003/2004, aprovado em 10/03/2004, para que ações afirmativas possam ser reparadas em relação a história e a cultura das populações afrodescendentes vistas agora como constitutivas da sociedade brasileira. Essa diretriz descreve ainda que:

Na medida em que procedem de ditames constitucionais e de marcos legais nacionais, na medida em que se referem ao resgate de uma comunidade que povoou e construiu a nação brasileira, atingem o âmago do pacto federativo. Nessa medida, cabe aos conselhos de Educação dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios aclimatar tais diretrizes, dentro do regime de colaboração e da autonomia de entes federativos, a seus respectivos sistemas, dando ênfase à importância de os planejamentos valorizarem, sem omitir outras regiões, **a participação dos afrodescendentes**, do período escravista aos nossos dias, na sociedade, economia, política, cultura da região e da localidade; definindo medidas urgentes para a formação de professores; incentivando o desenvolvimento de pesquisas bem como envolvimento comunitário.<sup>1</sup> (grifo nosso).

Corroborando com estas diretrizes, “Dalci, Dilma, Estela e Glades: memórias e experiências de mulheres negras na educação de Criciúma - SC (1960-1980)” tema de Trabalho de Conclusão do Curso - TCC de História, na Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC na cidade de Criciúma - SC/Brasil, visa também contribuir para que os afrodescendentes tenham o direito de ter suas histórias registradas. Para que possam ter voz a partir de suas experiências no caso aqui, experiências com a escolarização.

A escolha do tema começou a ganhar corpo a partir das experiências associadas às disciplinas no próprio curso<sup>2</sup>. Soma-se a isso, o contato com o Caderno Pedagógico (2008) realizado pela Secretaria da Educação de Criciúma - Negros e Negras em Criciúma: a implementação da lei 10.639/03 e as personagens de uma história desconhecida. Tal documento aborda de forma didática as formas

---

<sup>1</sup> Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. In: \_\_\_\_\_ **Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica**. p.509.

<sup>2</sup> Disciplinas estas associadas à História da África e Estágios I e II, ambas lecionadas pelos professores do curso de História na universidade nas 4ª e 5ª fases.

de superação da população negra em Criciúma no mercado de trabalho, em especial as mulheres negras trazendo uma reflexão de gênero e status social.

Neste sentido, o presente trabalho visa problematizar por meio das lembranças de quatro irmãs negras, as histórias de suas infâncias e parte de suas trajetórias no tocante a suas escolaridades. Sim, porque Dalci Costa da Luz (68 anos), Dilma Costa dos Santos (65 anos), Maria Estela Costa da Silva (54 anos) e Glades Alzira Costa Romã (51 anos) tiveram uma formação universitária, se formaram professoras e ingressaram no magistério por meio de concursos públicos.

Sabendo-se que as populações afro-brasileiras tiveram durante muito tempo, o acesso negado à educação e, sobretudo o ingresso ao ensino superior, ter na família quatro professoras é uma exceção.

Fato é que a História da Educação no Brasil por longo tempo não contemplou a diversidade das questões sociais e culturais da sociedade brasileira. Desta forma, o estudo da disciplina “funciona como a história da escolarização das camadas médias [...] podemos dizer que essa disciplina e seu campo de pesquisa têm sido veículo de continuísmo da reprodução do tratamento desigual.” (CRUZ, 2005, p.22). O que quer dizer, que esta desigualdade está associada às populações negras e também indígenas.

Nesse sentido, Cruz (2005) reforça a importância dos grupos sociais afro-brasileiros contemplarem a sua própria história, reescrevendo-a e resignificando-a. Quanto ao papel do historiador, entende-se que deve estar comprometido em revelar e trazer reflexões no tocante à história dos afro-brasileiros. Por esta perspectiva pode oportunizar a construção de uma nova história da educação no Brasil, sobre a qual “teremos um fenômeno histórico visto por vários ângulos, a partir de várias lentes.” (CRUZ, 2005, p.25).

Corroborando com a autora, este Trabalho de Conclusão de Curso, visa refletir sobre a história da educação dos negros no Brasil, especificadamente em Criciúma - Santa Catarina dialogando com quatro irmãs negras na mesma família que acessam uma educação de nível superior. Na época em que as irmãs entram para a área da educação, isto é, entre as décadas de 1960 - 1980, ao cursarem o magistério na cidade e posteriormente o ensino superior em Criciúma, conhecida por ser a capital brasileira do carvão. Grande parte das atividades econômicas e sociais estava associada a esta prática na cidade. Muitas pessoas migraram de outras regiões do Estado motivados pelo crescimento e nelas as oportunidades de

emprego, que as minas de carvão proporcionavam. E não foi diferente com seus bisavós, avós e pais os quais migraram de Jaguaruna, Morro Grande e Imaruí devido ao emprego nas minas de carvão na região. As funções ligadas ao trabalho nas minas eram ocupadas por homens, no entanto as mulheres ao trabalharem em serviços relacionados à mineração às designavam apenas como funções complementares na renda familiar, como é o caso das escolhedeiras de carvão. (OSTETTO; COSTA; BERNARDO, 2004).

E esta história precisa ser contada, visibilizada em especial numa cidade que é tida como majoritariamente de descendência italiana. Segundo Gomes (1995, p.115), “[...] ser mulher negra professora expressa uma outra maneira de ocupação do espaço público, [...] significa muito mais que uma inserção profissional. É o rompimento com o estereótipo de que o negro não é capaz intelectualmente”. Dessa forma, ao analisar a constituição da mulher negra e professora no município de Criciúma por meio de suas experiências é pensar nas rupturas, lutas, conquistas e na busca de um empoderamento por meio do acesso a escolaridade, para além dos locais de subalternidade que por longo tempo lhes coube numa sociedade sexista, racista e de classes sociais como é a sociedade brasileira.

As lembranças das irmãs foram reconstruídas com percepções do presente. Quando refere-se a esta análise se está reportando aos estudos de Eclea Bosi quando a autora delinea a memória pelo entendimento de memória-trabalho, já que “na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho.” (BOSI, 1994, p.55). Lembrando que:

O ser humano, individualmente, ou no grupo social, não é somente portador de memórias, também as significa. Os sentidos atribuídos à memória decorrem de suas experiências interconectadas ao tempo e ao espaço, tanto do presente quanto do passado. (OTTO, 2012, p.24).

Quanto às percepções e as questões correlacionadas às implicações entre passado e tempo presente, me reporto aos estudos de Lucília de Almeida Neves Delgado (2014). Faz-se necessário essa análise, pois no decorrer das entrevistas, as irmãs evocam nas lembranças, situações de suas vidas, porém com as reflexões do tempo presente, às quais relembram suas vivências. Sobre tal assunto, pode-se afirmar que “presente e passado estão continuamente envolvidos,

implicados, complicados no movimento incessante das relações virtuais que mantêm entre si, ou melhor, a coexistência virtual do passado no presente.” (DELGADO, 2014, p.37).

Nesse sentido, tomam-se como questões norteadoras as seguintes indagações: Que momentos quando crianças, as irmãs desejaram serem professoras? Quais foram suas referências? Dar visibilidade com outras percepções das crianças negras é contribuir com a Lei 10.639/03 e, sobretudo compartilhar histórias de vidas. Assim sendo, quais foram as brincadeiras, os modos de se vestirem, a alimentação e as características das irmãs quando crianças? E o caminho do magistério, quais os motivos que propuseram essas mulheres educadoras a almejar essa profissão?

Este trabalho dialoga com a História Cultural, o Gênero, a História da Educação (tópicos específicos pertinente a área), a Memória, a Infância e História das populações afrodescentes. Além dessas abordagens no campo da história, foi utilizada como metodologia a história oral a fim de possibilitar uma melhor compreensão de suas experiências, dando concretude a suas vozes.

Compreendendo que a história oral, segundo Meihy (2005):

História oral é uma prática de apreensão de narrativas feita através de uso de meios eletrônicos e destinada a recolher testemunhas, promover análises de processos sociais do presente e facilitar o conhecimento do meio imediato [...] a presença do passado no presente das pessoas é a razão de ser da história oral. Nessa medida, a história oral não só oferece uma mudança do conceito de história, mas, mais do que isso, garante sentido social à vida de depoentes e leitores, que passam a entender a sequência histórica e se sentir parte do contexto em que vivem.

O compromisso de empenhar-se com a História Cultural reflete as novas abordagens historiográficas e as novas formas de se pensar social e cultural os sujeitos até então silenciados ao longo da História. Para isso, o compromisso da temática e a relevância de uma abordagem que evidencia aspectos particulares presentes nas trajetórias de quatro irmãs professoras negras na cidade de Criciúma, são fundamentais para abrir compreensões acerca das identidades imanentes à temática com o objetivo também de discutir as questões que perpassam as relações raciais.

Nos estudos de Sandra J. Pesavento “História & História Cultural” são pontuadas questões sobre as novas formas de pensar o trabalho historiográfico a

partir da História Cultural. E nesse sentido a História Cultural ajuda a compreender a cultura “como um conjunto de significados partilhados e construídos pelos homens (e mulheres) para explicar o mundo.” (PESAVENTO, 2008, p.15). Conforme assinala Pesavento (2008, p.15):

A cultura é ainda uma forma de expressão e tradução da realidade que se faz de forma simbólica, ou seja, admite-se que os sentidos conferidos às palavras, às coisas, às ações e os atores sociais se apresentam de forma cifrada, portando já um significado e uma apreciação valorativa.

Nesse viés, a linha de pesquisa do curso de História pensada para os estudos e a temática deste Trabalho de Conclusão de Curso - TCC gira em torno de: Ensino da História e História da Educação.

Sendo assim, no primeiro capítulo intitulado “Lembranças infantis: jeitos de ser criança”, discuto fragmentos das lembranças das infâncias das quatro irmãs. Apresento suas brincadeiras, seus modos de vestirem-se, de se relacionarem com os vizinhos, amigos e familiares, conhecer alguns modos de se alimentarem entre outras vivências de quando crianças. Apoio-me em Bosi (1994), Halbwachs (2006), Le Goff (2003), Meihy (2005), Otto (2012), Paula e Filho (2012), Pollak (1989), Sarmiento e Gouvea (2009) entre outros referencias para subsidiar o entendimento deste trabalho. O capítulo foi estruturado de forma a conceber os elementos em torno dos quais se faz apreender as infâncias de quatro irmãs negras, reportando as lembranças do passado entre as décadas de 1940 - 1960. Para tanto, discuti-se o reconhecimento de outras infâncias que não seja conferido e legitimado num discurso homogeneizador na história sobre a concepção da infância.

No segundo capítulo, “Trajetórias das irmãs professoras”, discorro a partir do momento em que estas irmãs entram para a área da educação. Algumas ocupações em que as mesmas perpassaram ao longo de suas caminhadas educacionais bem como suas escolaridades. Descrevendo aspectos relacionados à educação da população negra e a inserção desses sujeitos na sociedade. Abordo também conceitos como experiências feministas negras e as relações que se estabelecem sobre as mulheres no mercado de trabalho, dialogando com autores como Hooks (2013), Bairros (1995), Krauss (2011), Oliveira (2005), Romão (2014) dentre outros. Ademais, e para uma possível compreensão acerca das experiências que temos sobre a população afrodescendente bem como a educação voltada para

esses grupos, estabelecemos algumas conexões destas experiências na formação do nosso Estado, especificadamente em Criciúma.

## 2 LEMBRANÇAS INFANTIS: JEITOS DE SER CRIANÇA

*“Desde a minha infância, sempre fui de chegar e falar,  
conquistar o meu espaço.”*

Glades Alzira Costa Romão

No presente capítulo irão ser abordadas as lembranças das irmãs quando crianças, apresentando a identificação familiar e fragmentos das experiências infantis, tais como: algumas brincadeiras que faziam quando crianças, lembranças da alimentação que a mãe das irmãs fazia, lembrança da casa onde moraram por muito tempo no bairro São Cristóvão, memórias com a vizinhança, entre outras.

Figura 1 - Dilma na cerimônia da 1ª Comunhão em 1960



Fonte: Arquivo pessoal de Dilma Costa dos Santos

Figura 2 - Estela na cerimônia da 1ª comunhão em 1972



Fonte: Arquivo Pessoal de Maria Estela Costa da Silva

Figura 3 - Glades, da direita para a esquerda.



Fonte: Arquivo pessoal de Glades Alzira Costa Romão

Dalci Costa da Luz, nascida em 24/03/1948, moradora do bairro Michel, Dilma Costa dos Santos, nascida em 25/01/1951, moradora do bairro Ceará, ambos os bairros de Criciúma. Maria Estela Costa da Silva, nascida em 25/01/1962, moradora do bairro Raichaski em Içara e Glades Alzira Costa Romão nascida em 13/01/1965, se encontra morando no bairro Espinheiros em Itajaí. Perante as lembranças das quatro irmãs, refleti-se acerca das suas experiências de crianças e trajetórias como educadoras, bem como suas formações educacionais.

Durante as entrevistas, pode-se analisar que quando crianças Glades a mais nova das irmãs, era a mais agitada, a mais hiperativa. Suas lembranças são as que abrangem maiores detalhes neste estudo acerca da sua infância compartilhada com as suas irmãs. Estela, apelidada de forma carinhosa por Glades e suas irmãs por Telinha, era a mais calma e compreensível nas análises das falas das irmãs. Dalci e Dilma, as mais velhas das irmãs tinham o respeito tanto de Glades quanto de Estela e as mesmas por seus pais. Também Dalci e Dilma foram, e ainda hoje continuam sendo, referências para as irmãs mais novas seguirem na área da docência. E esta história começa com a família [...].

## 2.1 DA FAMÍLIA

Argemiro Costa nascido em 16/09/1920 e Erauta Carvalho Costa nascida em 30/04/1929, falecidos, são os progenitores de oito filhos, a especificar do mais velho para o ultimogênito: Dalci Costa da Luz, Dilza Maria Costa Ferreira, Dilma Costa dos Santos, José Carlos Costa, Dirce Costa Gonçalves, Maria Estela Costa da Silva, Glades Alzira Costa Romão e Gian David Costa. Tanto Dilza quanto José Carlos Costa são falecidos. Dos irmãos, somente Dalci, Dilma, Maria Estela e Glades vão cursar o nível superior e fazerem a Pós-Graduação. Dirce vai seguir a profissão de enfermeira, já aposentada, fez curso de auxiliar de enfermagem no Hospital Nossa Senhora da Conceição em Criciúma/SC. Dilza fez curso de corte e costura e trabalhou nesta área, contemplando o ensino médio. Porém, José e Gian, não conseguiram concluir o ensino médio.

Tanto Argemiro quanto Erauta moravam em Criciúma e ao se casarem depois de uns anos foram morar em Siderópolis, município vizinho a Criciúma, pois Argemiro foi trabalhar na CSN (Companhia Siderúrgica Nacional). Retornam depois para o bairro Metropol em Criciúma, devido ao emprego que Argemiro obteve na

carbonífera Metropolitana. Depois de uns anos, Argemiro compra a casa de seu sogro, José João Costa no bairro São Cristóvão, por volta de 1950.

Ele mineiro e ela realizando afazeres domésticos, porém desempenhando funções como lavadeira (lavava os uniformes para o time Metropol, na cidade, em determinado período da sua vida). Trabalhou também como auxiliar de limpeza na Escola de Educação Básica Rubens de Arruda Ramos. Mas antes de virem para Criciúma, Eruta trabalhou também como escolhedeira de carvão numa mina de Siderópolis, agregando desta forma na renda familiar. Porém, ao migrar para Criciúma acabou cessando esta atividade, pois sua preocupação estava voltada para os cuidados dos filhos, o que não acarretaria, no entanto, de deixar de desempenhar as atividades do lar, como cozinhar, lavar, passar, instruir os filhos e também realizar trabalhos fora de casa. Mesmo assim, continuou trabalhando como lavadeira, costureira e servente na escola Estadual Rubens de Arruda Ramos. No tocante a esse processo migratório dos pais das irmãs, Glades e Dilma assinalam que:

Era por causa do trabalho do meu pai, que ele era mineiro. Ele trabalhava na mina, na época era a Metropolitana, era lá no Metropol e tinha o time do Metropol e o pai também ajudava no time e passou a ser chefe da concentração que era ali no centro onde hoje é o Santander. E a minha mãe era lavadeira. Ela lavava as roupas para os jogadores e de algumas famílias mais abastadas da cidade de Criciúma. Até porque tinha que trabalhar na época, era muitos filhos e todos estudavam. E aí a mãe trabalhava, dava conta da casa, era dona de casa, trabalhava como lavadeira, passava e tudo. E quando a minha mãe era solteira, quando ela era lá de Siderópolis, ela trabalhava na escolha, ela era escolhedeira, na mina lá em Siderópolis, a mina a céu aberto.<sup>3</sup>

Eu nasci em Siderópolis no ano de 1951, meus pais moravam lá. Porque meu pai trabalhava na Siderúrgica, jogava no Itaúna. Depois ele saiu daquele emprego e viemos para o Metropol, morávamos numa vila, em casinhas de mineração. E lá também nasceu o meu outro irmão que hoje já é falecido. No Metropol, meu pai trabalhava na mina. Depois de Metropol ele conseguiu comprar uma casa do pai da falecida mãe no São Cristóvão. Ali no São Cristóvão foi aonde eu me criei e vivi a minha infância.<sup>4</sup>

Entende-se por meio das falas de Glades e Dilma, aspectos de um contexto social e econômico bem como gerador de um desenvolvimento urbano de Criciúma e demais cidades ligadas ao ciclo carbonífero em meados do fim do século

<sup>3</sup> Entrevista realizada com Glades Alzira Costa Romão concedida a Rodrigo Margotti em 16 de abril de 2016.

<sup>4</sup> Entrevista realizada com Dilma Costa dos Santos concedida a Rodrigo Margotti em 25 de agosto de 2016.

XIX e início do século XX, onde a atividade carbonífera se fez presente como a principal movimentação econômica da região, conhecida como região carbonífera. Quando Glades se refere ao pai que “trabalhava na mina” e a mãe que quando solteira “trabalhava na escolha” do carvão ao mesmo tempo que Dilma se lembra das casinhas de mineração que eram as vilas operárias (casas em que as empresas carboníferas construía para as famílias que trabalham nas minas). O impulso desta forma de atividade agregou muitos trabalhadores, o qual não foi diferente com os pais das irmãs, ou seja, “a descoberta do “ouro negro” incentivou a vinda de muitos/as trabalhadores/as de diferentes regiões catarinenses como também de outros estados.”<sup>5</sup>

Quando os pais das irmãs vêm para Criciúma, os mesmos decidem morar no bairro Metrópol, em meados de 1950. Irão comprar a casa de seus avós, que é a localizada no bairro São Cristóvão, um bairro próximo ao centro da cidade. No entanto, na casa do bairro São Cristóvão irão recordar fragmentos de suas infâncias, pois tanto o lugar, os vizinhos, as brincadeiras, o ir a escola, a sociabilidade com os demais pares familiares vão se dar em torno da casa no bairro São Cristóvão, de forma que as suas recordações lhe permitem evocar sentimentos e falares de um local que tanto marcou suas vidas .

Quanto aos avós paternos das irmãs, José João Costa e Alzira Costa, vieram de Imaruí, município próximo a Laguna, antes de virem morar em Criciúma. A mãe de Argemiro faleceu quando o mesmo tinha nove anos de idade, mas já estavam morando em Criciúma, o que fez Dilma recordar que seu pai ainda novo, trabalhava para a família Casagrande, família de posses em Criciúma, no qual Dilma não recorda o nome. Quanto aos avós maternos, Rosalino Carvalho e Eugênia de Jesus Carvalho, moraram muitos anos no bairro Nossa Senhora da Salette, situado próximo à região central do bairro Próspera, em Criciúma.

No entanto, antes de virem para Criciúma, Eugênia morava em Jaguaruna e Rosalino em Morro Grande. Dilma recorda que quando criança, sua bisavó materna que era descendente de africana, escravizada pelas relações de trabalho<sup>6</sup> falava que era “filha de escrava”, e que sua bisavó tinha nascido na época em que

---

<sup>5</sup> RODRIGUES, Elaine; CARDOSO, Michelle Gonçalves. **Memórias do carvão**: conflitos e disputas em torno do patrimônio da Companhia Siderúrgica Nacional em Siderópolis/SC.

<sup>6</sup> Ver o livro: A escravidão no Brasil de Jaime Pinsky.

foi promulgada a Lei do Ventre Livre<sup>7</sup>. Dilma relata que:

Os nossos antepassados foram escravos. A nossa bisavó nasceu na Lei do Ventre Livre. Uma vez a bisavó chegou a falar para nós, que ela não podia nem espiar a mãe na senzala que a sinhá não gostava! Porque ela já era da Lei do Ventre Livre. Aí o negro com a sua força, com o seu trabalho [...] foi percebendo que os seus filhos teriam que estudar. A minha avó materna não teve como estudar, mas a minha mãe já fez até a quarta série. Então, apesar da luta, foram muito trabalhadores e apesar do racismo que ainda enfrentamos, nós estamos aqui.<sup>8</sup>

Sendo assim, por parte materna, a mãe das irmãs foi à única que estudou na família, numa linhagem onde a bisavó foi uma descendente africana, porém livre, pois, promulgou-se a Lei do Ventre Livre. Diante das falas de Glades e Dilma, identificam-se os seguintes aspectos abordados:

Nossos pais ao se casarem, foram morar em Siderópolis. Mas nós já nascemos em Criciúma. O avô paterno era de Imaruí. Nossos pais moraram um tempo no Metropol e depois o pai logo comprou a casa no São Cristóvão. Nós já nascemos na casa do São Cristóvão. A Dalci nasceu no Metropol e a Dilma em Siderópolis, são as mais velhas. Aí logo já foram para lá, no São Cristóvão. Já eu e a Estela nascemos na casa do São Cristóvão.<sup>9</sup>

O falecido avô morava conosco na casa. Porque a mãe do falecido pai faleceu quando ele tinha nove anos. E eu era o xodó dele. Eu lavava as roupinhas dele, as meias [...] e os meus avôs maternos moraram muito tempo no bairro Nossa Senhora da Salete. Na época a avó tinha um centro espírita. Era um dos centros mais famosos de Criciúma<sup>10</sup>

Tanto os avós maternos quanto os paternos, se deslocam de suas cidades, envolvidos com a oportunidade de as carboníferas na região de Criciúma oportunizar trabalho nas minas. Nas lembranças, Dilma comenta a respeito da função que sua avó desempenhava em relação ao centro espírita, a qual segunda ela “era um dos centros mais famosos de Criciúma”. Refere-se a esse nome, pois é prática da cultura africana, vivenciada também em Criciúma. Eugênia ao realizar algumas práticas específicas da religião africana, recebia certo rendimento para os gastos com a casa.

<sup>7</sup> A Lei do Ventre Livre foi uma lei abolicionista, promulgada em 28 de setembro de 1871 e assinada pela Princesa Isabel. A partir da promulgação desta lei, todos os filhos de mulheres escravas eram considerados livres.

<sup>8</sup> Entrevista realizada com Dilma Costa dos Santos concedida a Rodrigo Margotti em 27 de outubro de 2016.

<sup>9</sup> ROMÃO, Glades Alzira Costa. Op. Cit.

<sup>10</sup> SANTOS, Dilma Costa. Op. Cit.

Sendo assim, pelas análises supracitadas, “o que a memória individual grava, recalca, exclui, relembra, é evidentemente o resultado de um verdadeiro trabalho de organização.” (POLLAK, 1992, p.205). Na explanação de Pollak (1992), se percebe a forma como a memória da pessoa perpassa processos de arranjos quanto a sua organização e seleção do que é dito. Desta forma, pode-se relacionar com os estudos de Bosi (2009 apud OTTO, 2012, p.27) quando a mesma se refere à memória-trabalho, “na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado.”

Por conseguinte, nas rememorações de Glades é analisado a trajetória e os espaços que seus pais ocuparam quando vieram para Criciúma depois de casados. Para tanto, só é viável identificar isso perante a reconstituição que Glades faz remontando o passado, o que Otto (2012, p.24) estabelece que “esse trabalho de rememoração não compreende a memória tão somente.” Mas que esse ato de rememorar implica um processo, um trabalho da própria memória. Que na explanação de Diehl (2002 apud OTTO, 2012, p.24) a memória não é meramente “como um ato de busca de informações do passado, tendo em vista a reconstituição do passado. Mas deve ser entendida como um processo dinâmico da própria rememorização.” Assim, indica-se mais uma rememorização de Dalci diante dos lugares da sua infância:

Eu me lembro de quando a gente foi morar no Metropol. Era aonde tinha uma mina, o pai trabalhava na mina e nós morávamos no Metropol. Eram aquelas casinhas de madeira assim [...] de antigamente, de vilas. E a mãe só trabalhava em casa.<sup>11</sup>

Em relação ao comportamento de Glades, destaca-se a seguinte observação colocada pela mesma:

A nossa diferença era de três anos, mas eu aprontava muito, coitada da minha irmã, meu Deus do céu! Deixa que eu faço Telinha, deixa que eu faço. Ahh! Falaram de uma coisa que tu não gostou, deixa que eu vou e eu resolvo [...] eu sempre fui uma criança [...] eu penso que era até hiperativa, porque eu não parava sabe? Eu estava em tudo! Tudo que oferecia, eu estava sempre metida, sempre!<sup>12</sup>

Percebe-se que Glades era uma criança insistente nas suas atitudes,

---

<sup>11</sup> Entrevista realizada com Dalci Costa da Luz concedida a Rodrigo Margotti em 07 de julho de 2016.

<sup>12</sup> ROMÃO, Glades Alzira Costa. Op. Cit.

muitas vezes comprando as brigas de seus colegas para defender sua irmã Estela, a qual tinha muito contato na infância. Iam às escolas juntas, brincavam juntas e até às vezes apanhavam da mãe juntas. Mas Glades na maior parte era a que sempre levava a culpa, pois devido ao seu comportamento lhe rendia muitos punimentos. Ainda sobre o comportamento de Glades, Estela elucida que “a Glades sempre apanhava mais. Eu era tranquila. Tanto que eu ia para a escola, eu já estava alfabetizada e ela não. Na hora de brincar de escolinha ela era a professora. Bem brigona!”<sup>13</sup>

As memórias e experiências das irmãs necessitam das análises delas como crianças, os quais no desenvolvimento deste capítulo e por meio da observação de suas falas, o constituírem-se professoras recorrem tanto a referências em suas vidas, ainda como crianças, meninas em sua formação quanto de almejo profissional as quais aspiravam.

Nesse sentido, Bosi (1994, p.435) ao abordar a casa materna como uma reminiscência da criança, destaca a influência que o espaço dispõe como referência da infância, sendo que:

A casa materna é uma presença constante nas autobiografias. Nem sempre é a primeira casa que se conheceu, mas é aquela em que vivemos os momentos mais importantes da infância. Ela é o centro geométrico do mundo, a cidade cresce a partir dela, em todas as direções. Fixamos a casa com as dimensões que ela teve para nós e causa espanto a redução que sofre quando vamos revê-la com os olhos de adulto. Para enxergar as coisas nas suas antigas proporções, como posso tornar-me de novo criança?

As irmãs ao evocarem a casa como um lugar importante das suas infâncias a integram seus sentires nas lembranças. É perceptível como a lembrança da casa possui uma percepção de pertencimento. É como parte integrante, ainda que em fragmentos das suas recordações. Conforme assinalam Glades, Dalci e Dilma, em suas lembranças, a casa era:

Uma casa enorme! Era mista. Embaixo tinha um porão. Em cima tinha três salas, quatro quartos, um banheiro, uma cozinha e mais uma dispensa. E depois tinha mais um puxadinho atrás que era onde ficava o fogão a lenha, antes ficava dentro de casa, mas depois com a evolução do tempo, minha mãe não queria mais o fogão a lenha dentro de casa porque ficava cheiro de fumaça. Então meu pai construiu uma cozinha a parte, colocou fogão a

---

<sup>13</sup> Entrevista realizada com Maria Estela Costa da Silva concedida a Rodrigo Margotti em 07 de julho de 2016.

lenha lá atrás. E a mãe gostava de fazer pão no fogão a lenha e até botava as roupinhas lá pra ferver, pra ficar bem branquinha. Era tudo no fogão a lenha. E a gente já tinha o fogão a gás, naquela época.<sup>14</sup>

Era um local bom, tinha uma casa boa, uma das melhores da rua. Quando nós fomos morar ali era uma casa velha, aí o meu pai desmanchou e fez uma casa nova. Tinha a parte de baixo o porão, até depois que casei eu morei embaixo. Tinha a parte de cima de madeira e era uma casa bem boa mesmo. Todo mundo parava para olhar.<sup>15</sup>

Ali era uma casa antiga, velha e foi desmanchada e feito uma nova. Era uma casa com porão, era uma casa bem pintada, casa com banheiro, quatro quartos, era uma casa enorme. Foi dividido, um quarto para o meu irmão, outro quarto dormia eu e mais a outra minha irmã, outro quarto dormia mais duas. Era grande, sala de visita, sala de jantar, cozinha.<sup>16</sup>

Diante do exposto, por meio das lembranças de Glades, Dalci e Dilma, percebem-se elementos que configuram evocadores de memória que pertenciam a determinada função dentro da casa. Neste caso, “um puxadinho atrás que era onde ficava o fogão à lenha, antes ficava dentro de casa, mas depois com a evolução do tempo, minha mãe não queria mais o fogão a lenha dentro de casa”, lembravam que o fogão à lenha era onde a mãe cozinhava os alimentos, como “fazer feijão, assar pão essas coisas” os quais por meio destes evocadores, os objetos e as suas utilidades no interior da casa lhe trouxeram sentidos para as suas lembranças.

Nos estudos dos objetos, Bosi (1994, p.441) salienta que os mesmos refletem o elo que faz-nos relacionar com o passado, compreendendo que “é um elo familiar com sociedades do passado, pode nos defender da atual revivendo-nos outra.” No caso do fogão à lenha usado pela mãe das irmãs nas alimentações, é evocado nas suas memórias como um objeto que representou uma experiência de vida das mesmas e também dos demais membros familiares inseridos na casa. Compreender estes objetos mediante as rememorações de Glades, mas que também trazia o mesmo sentido de lembrança da casa para as outras irmãs é saber e reconhecer identificações de pertencimento, elos de identidade e singularidades das irmãs. Analisados nas memórias de infância, mas que admitem olhares para as subjetividades de um dado momento vivido por elas. E mais, ao entender os objetos como elos que une ao passado, para melhor entender o significado que esse fogão à lenha possibilitou ao ser lembrado por Glades, é admissível destacar o seguinte:

Mais que um sentimento estético ou de utilidade, os objetos nos dão um assentimento à nossa posição no mundo, à nossa identidade. Mais que da

<sup>14</sup> ROMÃO, Glades Alzira Costa. Op. Cit.

<sup>15</sup> LUZ, Dalci Costa da. Op. Cit.

<sup>16</sup> SANTOS, Dilma Costa. Op. Cit.

ordem e da beleza, falam à nossa alma em sua doce língua natal. O arranjo de sala cujas cadeiras preparam o círculo das conversas amigas, como a cama prepara o repouso e a mesa de cabeceira os instantes prévios, o ritual antes do sono. (BOSI, 1994, p.441).

Desta forma, o objeto evocado por Glades, é parte integrante da história de vida não só dela, mas também da família, atribuindo peculiaridades e individualidades que se fazem e refazem no coletivo, na dinâmica social. Evoca-se assim, a memória, que para ela possibilita compartilhar suas experiências com o outro, atribuindo compreensões acerca da história, nesse caso, a análise da história das irmãs quando remetem períodos de suas infâncias.

Sendo assim, Halbwachs (2006) faz entender e partindo do entendimento das lembranças de que a memória é social e conversacional. O ato de lembrar o passado é parte das construções coletivas do presente e que lembrar é estimulado pelo outro, isto é, pelas relações estabelecidas socialmente. Desta forma, Almeida e Gil (2012, p.62) apontam para a mesma direção quando abordam que “pensando na nossa história de vida, vamos re(construindo) nossas muitas identidades: como foi a infância, a entrada na escola, o primeiro professor [...] são marcas de vida que vamos recolhendo, significando, refletindo, para dizer quem somos.”

## 2.2 “A NOSSA MÃE TINHA QUE NOS ARRUMAR DO JEITO QUE ELA ACHAVA QUE ERA O CERTO”: AS IRMÃS E OS MODOS DE SE VESTIREM, A ALIMENTAÇÃO [...]

*As lembranças do grupo doméstico  
persistem matizadas em cada um de seus membros  
e constituem uma memória ao mesmo tempo  
uma e diferenciada.*  
(BOSI)

Lembrar as roupas, os modos de se comporem diante do que o mercado oportunizava no período em que as irmãs eram crianças, denota um saber de que suas memórias partem das relações estabelecidas com sua família. Seus pais as levavam para comprar roupas no centro da cidade, mas muitas vezes era Dona Erauta quem comprava os tecidos, brancos quase sempre, para fazerem os

vestidinhos e roupinhas de Dalci, Dilma, Glades e Estela, bem como os demais irmãos.

Quanto ao modo de se vestirem, como a mãe também realizava afazeres de costureira, era ela quem fazia muitas vezes as roupinhas dos filhos. Comprava os tecidos no centro da cidade, e fazia vestidos, calças para os filhos. Os uniformes da escola eram comprados, no entanto a parte de cima era toda branca, nesse caso D. Erauta também em alguns momentos fazia as camisetas para que as filhas fossem a escola. Nas memórias de Glades e Estela, há o entendimento de que:

A nossa mãe tinha que nos arrumar do jeito que ela achava que era o certo. E eu achava errado. Eu tinha que por a roupa que eu tinha vontade. Aí um dia nós viemos no centro, a mãe tinha botado uma roupa e eu disse: mãe eu não quero ir com essa roupa! “Por que?”, Porque eu quero ir com aquela roupa... “não mas com aquela roupa tu não vai!”. Ai ela foi fazer os afazeres dela e eu fui lá no quarto, vesti a roupa, branca, fui lá atrás no pátio, me enrolei na lama e cheguei na frente dela e disse pra ela: agora eu não vou com essa roupa, não porque a senhora não quer, mas é que a roupa tá suja! Ela me olhou [...] apanhei pra variar, mas apanhei feliz. Porque aquela que eu queria usar estava suja.<sup>17</sup>

A mãe comprava os tecidos e fazia em casa... Tinha uma máquina de costura, íamos para a escola de uniforme. As meninas eram de azul marinho e blusa branca, camiseta branca. A mãe fazia as camisas em casa, de tecido branco. E os meninos também, calça azul marinho e camisa branca. Nós íamos sempre de uniforme...os pais e a escola cobravam. No começo a mãe fazia umas bolsinhas de tecido e depois era pasta, mochila não era ainda, era aquela pasta de couro que a gente levava...lembro que ganhei uma muito bonita do pai de presente, uma pasta bonita.<sup>18</sup>

Erauta era uma mãe organizada e muito zelosa com os cuidados com os filhos. Também era uma mulher brava perante os depoimentos das irmãs, enquanto o pai sempre buscava olhar e conversar com os filhos quando os mesmos faziam algo que desagradasse o bom comportamento dentro de casa. Nas recordações de Glades, a mãe era quem arrumava as filhas, no ir para a igreja nos finais de semana, no ir para a escola e também quando viajavam. Porém, Glades com sua personalidade mais atrevida que as outras suas irmãs, confrontou Erauta pois Glades queria colocar a roupa que havia desejado. Já nas memórias de Estela, a mãe fazia também a camisa branca para ir à escola em casa. A saia, que era prinçada da cor azul marinho era o uniforme da parte de baixo das meninas na escola. Lembra que o uso do uniforme era regra na escola e também exigida pelos

<sup>17</sup> ROMÃO, Glades Alzira Costa. Op. Cit.

<sup>18</sup> SILVA, Maria Estela Costa da. Op. Cit.

seus pais. Logo, estas memórias, reagrupadas e exteriorizadas na história oral, são entendidas como partes de infâncias, de um contexto que se fez entender nas lembranças de quando crianças por meio das irmãs.

A casa no bairro São Cristóvão evoca as memórias de como a mãe destas irmãs fazia o tal de “nego deitado”, um tipo de pão feito na folha de bananeira no fogão à lenha no puxadinho atrás da casa feito por Sr. Armegiro. Aquele fogão à lenha, mencionado anteriormente, e que agora é lembrado com muita afeição por Estela, entre umas das práticas de cozinhar de Dona Erauta, como entre tantas outras, esta se destaca nas lembranças de Estela:

A mãe fazia muita minestra, polenta com galinha, a mãe fazia uns bolinhos fritos bem redondinho, uns pães de casa e a mãe tinha um fogão a lenha, ela fazia um pãozinho que ela chamava de nego deitado. Colocava no fogão a lenha numa folhinha de bananeira, colocava aquela massinha de farinha de milho e botava outra folhinha em cima e cozinhava naquela folha de bananeira. Ficava bem tostadinho, era o nego deitado. A comida era bem diversificada, não comíamos uma coisa sempre. Na chácara, no dia de matar o porco, o pai levantava de madrugada, e nós tínhamos que ficar dentro de casa, aí o pai colocava aquele tacho no fogo, colocava a mesa, forrava a mesa com plástico. Lembro que quando a gente acordava, já estava o porco tudo aberto em cima da mesa.<sup>19</sup>

Nas muitas refeições que Dona Erauta fazia, o “nego deitado” foi a que despertou uma atenção maior por Estela ao lembrar as alimentações de quando criança. No entender da sua fala, descrito acima, havia um processo para que o pão ficasse saboroso para ser degustado nas refeições da manhã, mas que era muitas vezes feito e servido na parte da tarde, comenta Estela. Também tinha uma chácara na parte de trás onde eram criados animais como porcos, galinhas para o consumo da família. O porco lembrado por Estela fez parte da alimentação das irmãs e quando o pai matava o animal era também distribuído para os vizinhos. As irmãs ficavam encarregadas de levarem os pedacinhos de carne do porco.

O pastel de carne ainda hoje é um dos hábitos alimentares de Estela, como a mesma afirma que numa festa de aniversário, basta ter o pastel de carne, pois isso a faz lembrar dos pastéis que sua mãe fazia. O fato de sua infância ser muito divertida e boa, advém dos hábitos e costumes, das relações com seus pais, família e vizinhos, com seus colegas de escola, colegas de rua assim como o círculo de amizades faz com que a sua infância seja repleta de boas lembranças.

---

<sup>19</sup> SILVA, Maria Estela Costa da. Op. Cit.

Como a casa era uma das melhores da rua, e ainda possuir uma chácara, composta por várias árvores frutíferas é nesse entorno, nesse espaço que serão traçadas, rememoradas as lembranças das irmãs negras, mesmo que hoje os grupos familiares destas irmãs fossem o da vida conjugal permitidas através do matrimônio, mas que de certa forma, as suas lembranças conferem encadeamentos de vivências passadas, como assinala Bosi (1994, p.423) nas lembranças de família, “os vínculos podem persistir mesmo quando se desagregou o núcleo onde sua história teve origem [...] quem penetra um grupo familiar, através do matrimônio [...] encontrará uma atmosfera à qual deve adaptar-se.”

Outro prato de comida feito por Dona Erauta, desta vez é lembrado por Dalci e Dilma, as quais se emocionam durante a entrevista quando relembram desta alimentação. Dalci relembra de maneira sutil, sempre sucinta nas suas palavras, mas que carregam tonalidades únicas quando expostas. Quando me reporto ao prato de comida que sua mãe fazia, Dalci e Dilma depõem da seguinte forma:

A mãe levantava cedo, fazia comida, fazia o pão. Era muito difícil comprar o pão na padaria. Me lembro que a mãe fazia uma farinha, que era o dia em casa que não tinha nada para dar para nós. E nós gostava! Era uma tal de farinha de noiva. Era farinha de mandioca, açúcar e banha, colocava na frigideira e fazia aquela farofa... era no café da manhã e no café da tarde.<sup>20</sup>

Ela fazia pão de casa, muito bem! Fazia cuca. Em matéria de forno, fogão ela cozinhava muito bem! Ela fazia feijoada, era muito verdura, pêssego, laranja, maracujá em abundância. Ela fazia aquela polenta que cortava com a linha. Colocava na madeira e retalhava toda ela na linha. A gente comia muito bem. Era tudo temperado, muito gostoso. Ela fazia também doce de banana, fazia qualhada. Meus pais foram assim para mim, uma benção!<sup>21</sup>

Dona Erauta cozinhava muito bem segundo as lembranças das irmãs. Na casa, havia um pomar de onde provinha algumas frutas que eram consumidas na família. O fato de haver o pomar na casa no São Cristóvão remete boas lembranças para as irmãs, onde relembram com carinho tempos de suas infâncias. Até o modo como D. Erauta cortava a polenta com uma linha é descrito minuciosamente por Dilma que se emocionou na entrevista quando recordou de como a mãe fazia a polenta. Assim, sentimentos são expostos, momentos de seus passados recontados, nas suas perspectivas, do lembrar de crianças.

Desta forma, o modo como o meio externo ao indivíduo é despertado,

<sup>20</sup> LUZ, Dalci Costa da. Op. Cit.

<sup>21</sup> SANTOS, Dilma Costa. Op. Cit.

algo que o motiva e aguça a sua memória, tornando de fato, exteriorizado a experiência e assim compilar suas reminiscências, tornando-se sujeitos históricos. Desta forma, sua história pessoal entrelaça-se com a história local estabelecendo uma compreensão de seu valor nas relações humanas e sociais diante o meio em que se insere, ainda assim, “o exercício de comparação de suas histórias pessoais com as de diferentes grupos humanos.” (BRODBECK, 2012, p.70).

É por meio destas reflexões em torno das memórias na construção do sujeito, que foi preponderante apontá-las, pois se fez necessário depreender os elementos em torno da temática para objetivar o entendimento deste trabalho. Foram-se percebendo a relação que essas irmãs estabeleceram-se com o outro, ou seja, nesse caso com uma de suas irmãs e que carinhosamente é chamada por “Telinha” por Glades Alzira da Costa Romão. Sendo assim, conforme Halbwachs (2006, p.72) “para evocar seu próprio passado, em geral a pessoa precisa recorrer às lembranças de outras, e se transporta a pontos de referência que existem fora de si, determinados pela sociedade.” Neste sentido, trago abaixo uma das lembranças de Glades se remetendo ao seu contexto infantil:

Desde pequenas já dizia assim, na minha infância eu não era alfabetizada e as minhas amiguinhas e a minha irmã já eram alfabetizadas [...] mas eu tinha que ser a professora. Daí a minha irmã Telinha escrevia tudo num papel (risos) eu ia para o quadro e elas liam e escreviam [...] e eu tinha que passar isso para elas! Que eu era a professora! E foi assim que eu me alfabetizei, com 5 e 6 anos eu já estava alfabetizada, por essa brincadeira e interação. E se não copiasse batia né (risos).<sup>22</sup>

Percebe-se diante do exposto que Glades ao evocar a sua memória de infância a estabelece com seus pares, designando uma relação social e humana. Neste caso, sua memória coletiva do tempo à fez recordar de sua memória quando criança, de quando brincava de escolinha com sua irmã Telinha. Relevante destacar nesse trecho o grau de escolarização díspar entre Glades e sua irmã Estela e também de suas amigas, que faz entender que Glades estava num nível de escolaridade abaixo de sua irmã e de seus pares, porque a mesma ainda não era alfabetizada. Leva-se em conta a sua idade, por ser nova ainda não estava inserida em uma instituição formal de educação, porém isso não foi motivo para que nesse jogo de brincadeira a imagem de ser professora e o ato de incorporar a docência já se fazia presente em sua vida e de certa forma na vida das outras três irmãs que

---

<sup>22</sup> ROMÃO, Glades Alzira Costa. Op. Cit.

seguiram a profissão.

### 2.3 A ESCOLA E A RELAÇÃO COM A VIZINHANÇA

Desde muito cedo a escola se fez presente na vida das irmãs, significando assim um elo com o passado. Ainda assim, reconhecer perante os fragmentos das memórias destas irmãs, a relação que desempenhavam com os vizinhos, sobretudo reconstituir pedaços de vida que foram exteriorizados no ato de rememorar. Suas lembranças foram entrelaçadas à memória do grupo, nesse caso, os laços estabelecidos com os vizinhos e com a escola que estudavam.

O pai das irmãs quando se aposentou pela Carbonífera Metropolitana, irá trabalhar como segurança para o filho do Diomício Freitas, Dite Freitas. Diomício Freitas foi um empresário do ramo das carboníferas em Criciúma e participou da política na região sul catarinense, sendo eleito deputado federal em 1962. Dite, o filho de Diomício irá conceder uma bolsa de estudos para Glades no colégio particular Madre Teresa Michel em Criciúma. Essa relação com que a família, no caso o pai das irmãs estabeleceu com a família Freitas, essa com influencia na região e principalmente em Criciúma, possibilitou de certa forma, oportunidades de acesso a uma educação melhor para as irmãs. Fato é que Dalci e Glades vão conseguir bolsas de estudos num colégio de ensino particular em Criciúma, o colégio Michel. Nas experiências de Argemiro como trabalhador, Dilma recorda que:

O filho do Diomício Freitas, Dite Freitas, convidou o pai para trabalhar como guarda noturno. Aposentou-se e em seguida trabalhou como guarda. Quando ele começou a ficar cansado foi trabalhar no Esporte Clube Metropol. Era o time na época em Criciúma. Depois ele veio a trabalhar em construção civil [...] e ele faleceu muito novo! Faleceu com cinquenta e nove anos.<sup>23</sup>

Essa reflexão aponta para as discussões já problematizadas em torno da memória, mas que sua percepção se faz especificar as peculiaridades, ao modo que “voltar, por meio das lembranças, a um tempo distante se torna mais significativo quando compartilhado, quando rememorado na relação com o outro [...]” (OTTO, 2012, p.36). As lembranças destas irmãs vão ganhando contornos e analisados nas falas que puderam estabelecer durante as entrevistas e que agora podem ser vistas,

---

<sup>23</sup> SANTOS, Dilma Costa dos. Op. Cit.

podendo desta forma ampliar os olhares sobre as diversas infâncias, pelo viés racial que configura-se a pesquisa. No entender da análise, e nos depoimentos de Dalci, Glades e Estela percebe-se o seguinte:

A professora que me marcou mais foi a da 5ª série que eu gostava muito, no Lapagesse. E a da primeira série que era a Dona Natinha. Os vizinhos eram bons, brincávamos [...]. A gente viajava, pois, meus avós moraram um tempo no Rio Grande do Sul, Torres e de vez em quando íamos para lá. Meu tio morava em Tramandaí, também íamos quando o pai estava de férias da mina. Eu lembro que o pai comprou uma moto bem grande para ir pra mina. Quando nós íamos para o Rio Grande do Sul, nós íamos de ônibus e o pai ia de moto. Até uma vez nós sofremos um acidente, eu me machuquei de ônibus na praia.<sup>24</sup>

Nós estudávamos na escola que existe até hoje ainda no Bairro. A diretora da escola era nossa vizinha e comadre da minha mãe. E até eu entrei antes na escola, como eu fazia muita bagunça [...] Aí a Telinha me levava pra escola, fui para a escola antes. E assim [...], era muito bom nossa época de escola, muito bom! Por que? Mesmo quando criança eu era gordinha, negra e gordinha. Mas eu não levava desaforo pra casa! Escreveu e não leu o pau comeu!<sup>25</sup>

Eu tinha sete anos e era ali no São Cristóvão, na escola básica São Cristóvão que ainda existe [...] tinha a estrada de ferro, íamos pela estrada de ferro, íamos com a vizinha. Nós tínhamos a vizinha, Dona Natinha que era diretora da escola e comadre da mãe. Dona Natinha tinha uma rural que era um carro bem antigo, carro quadrado, grandão, era tipo uma camionete e o nome era rural. O rural tinha duas cores: azul em cima e branca embaixo. No São Cristóvão eu estudei do primeiro ao oitavo ano. Fiz o primário até o quarto ano e depois fiz do quinto até o oitavo ano. Depois fui para o Colegião. Ali no São Cristóvão estudei com uma turma que vínhamos desde o primeiro ano e fazíamos muita bagunça.<sup>26</sup>

As vizinhanças em si, eram tidas como boas, as quais as irmãs iam se socializando, brincando, indo para a escola, e atribuindo significados em suas infâncias perante a comunidade em que elas estavam inseridas. A moto que o pai das irmãs comprou, lembrada por Dalci, também se torna um evocador de memória. O que fez recordar até de um acidente de ônibus quando foram viajar para o Rio Grande do Sul, tendo em vista uma visita ao seu avô. Essa percepção só é possível, pois “nossos deslocamentos alteram esse ponto de vista: pertencer a novos grupos nos faz evocar lembranças significativas para este presente e sob a luz explicativa que convém à ação atual.” (BOSI, 1994, p.413).

Dona Natinha se chama Natália Gabriel Machado, foi lembrada pelas irmãs como vizinha, comadre a qual vai ser madrinha da Dirce, professora das séries

<sup>24</sup> LUZ, Dalci Costa da. Op. Cit.

<sup>25</sup> ROMÃO, Glades Alzira Costa. Op. Cit.

<sup>26</sup> SILVA, Maria Estela Costa da. Op. Cit.

iniciais e diretora da escola no bairro São Cristóvão. A mesma também era a que, em alguns momentos, acompanhava elas para irem à escola. O que faz entender que havia bons elos com a vizinhança mesmo que essa vizinhança também se estendia até a escola, prestando uma educação formal, no caso de Dona Natinha. Ainda distinguir os períodos que essas irmãs ocuparam na escola, como percorriam até chegar à escola. Sim, andavam também nos trilhos da estrada de ferro Dona Teresa Cristina que tracejava a cidade de Criciúma e que passava no bairro onde as irmãs moravam “tinha a estrada de ferro, íamos pela estrada de ferro, íamos com a vizinha”, que era Dona Natinha.

O local e a casa onde essas irmãs moraram foram significativos nas recordações de quando crianças. O bairro permitiu lembrar situações, modos de experiências de como foram suas infâncias. Nas entrevistas, pode perceber diversos sentimentos como o de alegria aos olhos de Glades quando ganhou a primeira bicicleta. Momentos esses que não dão conta se forem para descrever a dimensão das emoções evocadas. Glades ao detalhar por meio das suas lembranças, reportadas a sua infância, aborda que:

E nós tínhamos uma relação muito boa! Quando nós começamos a ir para a escola, as minhas irmãs mais velhas já eram professoras. A nossa situação financeira já era um pouco melhor. E na comunidade tinha umas crianças brancas, não negras, e tinha uma situação inferior e na rua nós fomos à primeira família que tivemos televisão. Os amiguinhos queriam ir à nossa casa assistir televisão. Eu tinha uns quatro ou cinco anos, a gente já tinha televisão. Ainda eram aquelas televisões de válvula que tinha que deixar esquentar pra acender [...]. Aí nossos amiguinhos tinham muita vontade de assistir televisão. A minha mãe era neurótica por faxina, um monte de filhos, mas a casa tinha que ser impecável. Eu lembro que quando os nossos amiguinhos assistiam televisão, tinham que tirar o chinelinho na porta, isso eu os fazia fazerem. “Ahh tu quer assistir televisão, tu tira o chinelinho na porta e vocês vão sentar no chão”, porque não era jogo de sofá era o trio que a gente tinha [risos]. Eu não deixava eles sentarem no trio, o trio era um jogo de sofá. Eles tinham que tirar o chinelinho na porta e sentar no chão. Eu e a minha irmã sentávamos no trio e assistíamos televisão porque a casa era nossa, a televisão era nossa, eles eram nossos convidados e eles diziam que éramos ricos.<sup>27</sup>

A televisão que Glades remete pertencia a sua família, mas para os amigos assistir teria que tirar os chinelos para não sujarem a casa. Pois Dona Eruta era uma mulher organizada e muito cuidadosa com a limpeza da casa. O que fazem as irmãs lembrarem constantemente que a mãe era “neurótica por faxina”, mas que

---

<sup>27</sup> ROMÃO, Glades Alzira Costa. Op. Cit.

mesmo assim, as irmãs respeitavam o modo de ser da mãe, pois tinham o cuidado de pedir para retirarem o chinelo quando as crianças fossem assistir televisão na casa delas.

A televisão, o trio de sofá são lembrados também como evocadores da memória de Glades e também contados a partir das lembranças de Estela “os amiguinhos queriam ir à nossa casa assistir televisão. A minha irmã sempre conta essa história”. Entendendo que “é preciso desenrolar fios de meadas diversas, pois ela é um ponto de encontro de vários caminhos, é um ponto complexo de convergência dos muitos planos do nosso passado” (BOSI, 1994, p. 413). O acontecimento da televisão contado por Estela à Glades faz parte do entrelaçamento das memórias, depreendendo que as lembranças se fazem e refazem no intricar das recordações à medida que as mesmas são transmitidas, manifestando suas subjetividades.

#### 2.4 “NÓS FAZIA MUITA, MUITA “ARTE”!”: AS BRINCADEIRAS

Nas brincadeiras que remetem as memórias das irmãs, eram em sua maioria, realizadas nas ruas, no contato físico com os amigos da rua e na maior parte recordadas no bairro São Cristóvão. Nesse sentido, é curioso saber do que elas brincavam? Sim! Pois, para o entendimento deste trabalho, é necessário conceber e contemplar essa visão acerca dos modos de socialização das irmãs. Nos estudos de Sarmiento e Gouvea (2009, p.170-171) alertam para a compreensão em torno das atuações que as crianças atingem diante dos objetos, ou seja, dos brinquedos que fazem parte do seu cotidiano e qual se tem acesso. Assim, as crianças vão atribuindo significados, “ordena e reagrupa suas coleções conforme o cenário que compõe suas narrativas.” Nisso, ao tornar o objeto como uma experiência instrutiva, a criança estará agindo sobre tal e no entender disso, Glades descreve partes de suas brincadeiras, isto é, os objetos que evocaram sua memória:

Era a pata cega, brincar de pegar, de se esconder, fazia shows de cantores, tinha os grupinhos [...] O dia em que nós ganhamos a bicicleta foi o dia em que eu fiquei mais emocionada na minha vida, na minha infância, eu não esperava ganhar uma bicicleta [...] meu Deus! O dia em que ganhei a bicicleta eu chorei de emoção de tão feliz que eu fiquei. Então assim, nós

ganhamos a bicicleta. Eram coisas que as crianças não tinham e nós tínhamos! Isso fez toda a diferença na infância.<sup>28</sup>

Ao evocar as brincadeiras, Glades destaca a bicicleta como o brinquedo que a deixou mais feliz, que naquele momento lhe trouxe um sentimento de contentamento que quando foi rememorando, percebeu-se na entrevista, instantes radiosos em seu rosto pela lembrança do brinquedo. Além disso, foi possível identificar na fala, que o fato de ter ganhado a bicicleta, e que na percepção das irmãs ganharem uma bicicleta naquele período era considerado um objeto considerável em vista dos aspectos que as mesmas apresentavam nas entrevistas, pois os vizinhos e os “amiguinhos” eram mais desfavoráveis economicamente, no caso da fala de Glades, “isso fez toda a diferença na infância”, relembrando um sentido diferenciado das irmãs que tinham a bicicleta, as quais “*eram coisas que as crianças não tinham e a gente tinha.*”

É relevante destacar, que nas memórias sobre as brincadeiras e na memória de Glades, ao falarem que as crianças não tinham bicicleta e elas tinham, as especificam em torno das crianças de sua rua e ruas próximas à casa que moraram no São Cristóvão e que faziam parte do círculo das suas brincadeiras, nas suas memórias espaciais e sociais. Mas que de certa forma, havia outras crianças que também tinham condições de adquirirem bicicleta, a qual não se pode generalizar determinadas situações. Nas brincadeiras, Dalci, Estela e Dilma relembram outras formas de brincar, a saber:

E as brincadeiras que fazíamos eram aquelas de amarelinha, brincar de corda, de peteca. Na rua, tudo na rua. Brincava de esconde-esconde, tudo no São Cristóvão. De seis anos em diante, foi tudo no São Cristóvão.<sup>29</sup>

Brincávamos muito, na rua brincávamos de carretilha, era um morrinho e nós descíamos aquele morro na carretilha até lá embaixo. Machucava os joelhos e não podia vir em casa chorando porque se chegasse em casa chorando ainda apanhava na bunda. A mãe tinha mãozinha pesada, agora o pai [...] o pai era muito tranquilo! Era tão forte a questão do respeito que o pai só olhava para nós. Ele era muito calmo e a mãe muito falante. Quando eu era pequena, era o pega-pega, brincadeiras de roda, a gente brincava de casinha. Era uma imitação, uma extensão do que se vivia em casa! Tinha o fogãozinho, tinha a mesinha, então nós brincávamos bastante. Eu tive uma infância bastante feliz!<sup>30</sup>

---

<sup>28</sup> ROMÃO, Glades Alzira Costa. Op. Cit.

<sup>29</sup> LUZ, Dalci Costa. Op. Cit.

<sup>30</sup> SILVA, Maria Estela Costa da. Op. Cit.

Desde a minha infância, sempre fui de chegar e falar, conquistar o meu espaço, eu lembro que eu tinha muita vontade de andar de carretilha, naquele morro da capela, lá do São Cristóvão, a mãe não deixava, a mãe queria que a gente estivesse sempre impecável, mas eu era terrível, eu tinha muita vontade de andar de carretilha e eu não realizei meu sonho de andar de carretilha, porque a minha irmã não deixava. Eram os meninos que andavam de carretilha! Como que eu queria andar de carretilha? Nós tínhamos muitos amigos na nossa infância.<sup>31</sup>

Outra lembrança que Glades destaca é a carretilha<sup>32</sup>, porém um sonho não realizado. O brincar de carretilha não pode ser realizado nas brincadeiras de Glades. Mas isso não fez com que sua autoestima de criança a desmotivasse das outras brincadeiras que fazia antes e depois da escola. Como descrito no início do capítulo, Glades sempre foi a mais impulsiva das irmãs, a mais rebelde e a que aprontava as travessuras. No entanto, a mesma traz uma reflexão acerca não só do seu comportamento, mas por perceber que em alguns momentos sua irmã mais velha, Estela, era a que recebia os cuidados da irmã mais nova, que nesse caso seria o espaço ocupado por Glades:

As vezes eu fico pensando, meu Deus que engraçado eu era para ser uma pessoa revoltada, tem que fazer terapia, porque eu era a mais nova! Mas na verdade, se tu fosse olhar... ela era tratada como a mais nova. E eu acho que fui tão generosa naquela época que não me incomodava isso, muito pelo contrário, porque eu cuidava! Então quando a gente fazia as “artes”, nós fazia muita, muita “arte”. Só que quem apanhava era eu, ela não apanhava, ela era doente [risos]. Todos os dias eu apanhava, todos os dias! O dia em que a minha mãe não me batia, eu dizia para a Telinha: “O Telinha a mãe não me bateu hoje, eu vou ter que aprontar alguma coisa para apanhar, porque o que aconteceu... (risos). Achava estranho, todos os dias eu apanhava e a Telinha não apanhava. Ai as vezes eu achava desaforo, porque ela tinha feito a “arte” e não tinha apanhado. Aí eu ia lá e batia nela, aí eu apanhava de novo porque tinha batido nela. Mas daí eu dizia para a minha mãe: “a senhora pode me bater, porque eu estou apanhando contente, porque eu já bati na minha irmã, ela merecia também”. Eu era bem desaforada!<sup>33</sup>

Por desta lembrança, Glades evoca momentos de sua infância compartilhados com a sua família e em especial com a sua irmã Estela. Quanto às brincadeiras e as experiências de brincar de “escolinha” quando crianças, Dalci e Dilma não recordam destes momentos. No entanto, Glades aponta para a seguinte reflexão:

<sup>31</sup> ROMÃO, Glades Alzira Costa. Op. Cit.

<sup>32</sup> Um brinquedo de madeira com um par de rodas de metal na frente e dois pares de rodas de metais atrás. Utilizado nas descidas de morros e encostas por crianças.

<sup>33</sup> ROMÃO, Glades Alzira Costa. Op. Cit.

Na minha infância eu não era alfabetizada e as minhas amigas e a minha irmã já eram alfabetizadas [...] mas eu tinha que ser a professora! A minha irmã Estela escrevia tudo no papel e eu ia para o quadro e elas liam e escreviam. Eu tinha que passar isso para elas! Que eu era a professora! E foi assim que eu me alfabetizei, com cinco e seis anos eu já estava alfabetizada, por essa brincadeira e interação.<sup>34</sup>

Glades, na análise citada, se alfabetizou por meio das experiências de brincar de “escolinha”. Sua irmã Estela, já estava alfabetizada, pois já estava frequentando a escola no bairro São Cristóvão. Logo depois, Glades começa a ir para a escola com a sua irmã Estela. Nas lembranças com leitura, a família possui livros, jornais e revistas, os quais as irmãs consumiam nos tempos livres. Quanto às experiências de consumo de revistas, Dilma relembra que gostava muito da Revista Capricho. Ao rememorar o momento, destaca que em seu ponto de vista, “eu gostava de ler muito a revista Capricho. Também tinha jornal. Eu lembro que líamos muito livro. Os materiais da escola eram tudo certo, dicionários [...]”<sup>35</sup>

Por meio das brincadeiras destas irmãs foi possível ampliar o olhar acerca das experiências de infâncias de crianças negras, onde as suas lembranças infantis pudessem reagrupar os fragmentos, na análise de Otto (2012, p.38) “esses fragmentos sinalizam para a importância da memória e das práticas de rememoração.” Assim, os fragmentos de memória tornam-se partes importantes das suas histórias além de, instigar uma análise que possibilite um entendimento de suas memórias como instrumento para a compreensão histórica.

Nesse sentido, o ato de trazer as lembranças, evocando-as de seu passado, as quatro irmãs relembram períodos das suas vidas, intrínseco as suas infâncias, os seus modos de viver, sentir e falar como crianças. Referente à memória autobiográfica, conforme afirma Halbwachs (1968, p.73), seria “a memória de nossa vida [...] bem mais contínuo e mais denso.” No entanto, cabe à análise desta pesquisa, objetivar sentires e falares de sujeitos históricos de quatro irmãs negras que se constituíram professoras durante o curso das suas existências. Remete a uma história biográfica, sobretudo uma história social, pois suas memórias durante a observação *in loco* das entrevistas se entrecruzam com as memórias de seus pares, ou seja, de suas irmãs e da comunidade a que elas estão inseridas. Mais que isso, analisar os fragmentos das trajetórias, experiências e memórias dessas irmãs que se tornaram professoras o que para isso, se fez identificar e conceber as suas infâncias

<sup>34</sup> Ibid.

<sup>35</sup> SANTOS, Dilma Costa. Op. Cit.

como parte integrante e motivações das futuras projeções que a vida do magistério lhes enterneceria.

Paralelamente ao ponto de vista da memória, faço valer outro pensamento, relevante para a compreensão da mesma na construção de nossas identidades. Para isso, recorro à concepção de memória segundo Jacques Le Goff (2003, p.419), ressaltando que “a memória como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas.” Entende-se por meio desta visão, que a conduta de lembrar o passado, característica inerente ao ser humano de evocar as suas experiências e memórias, no caso das fontes desta pesquisa, as quatro irmãs, denota a atribuição de suas mentes ao recordar certos períodos de suas infâncias. Sobre esse assunto, pode-se afirmar com base no que diz Le Goff (2003, p.420-421), que ao induzir:

Os fenômenos da memória, tanto nos seus aspectos biológicos como nos psicológicos, mais não são do que os resultados de sistemas dinâmicos de organização e apenas existem “na medida em que a organização os mantém ou os reconstitui”.

Ainda sobre a função da memória como possibilidades da linguagem falada, Atlan (1972 apud LE GOFF, 2003, p.421) atina que:

A utilização de uma linguagem falada, depois escrita, é de fato uma extensão fundamental das possibilidades de armazenamento da nossa memória que, graças a isso, pode sair dos limites físicos do nosso corpo para se interpor quer nos outros, quer nas bibliotecas. Isto significa que, antes de ser falada ou escrita, existe uma certa linguagem sob a forma de armazenamento de informações na nossa memória.

Pode-se entender por meio disso, as possibilidades que a linguagem falada, especificadamente no método adaptado ao uso das entrevistas orais, ou seja, “história oral é um processo sistêmico de uso de depoimentos gravados, vertidos do oral para o escrito, com o fim de promover o registro e o uso de entrevistas.” (MEIHY, 2005, p.18) a fim de exteriorizar que lhes é próprio de suas vidas, no caso das irmãs, por via da memória, as possibilita rememorar partes e/ou fragmentos de suas infâncias que as configuram suas experiências e trajetórias e por assim dizer, o ato de lhe invocar os indícios e/ou vestígios das suas lembranças enquanto crianças as identificam como sujeitos históricos na memória do coletivo

presente, pois estes indícios de suas vidas como parte integrante do desenvolvimento humano, ou seja, a infância, constata-se já neste período, o contato com a docência, independente se o ato for por meio das brincadeiras, no caso da Glades e sua irmã Estela, mas que isso já é inspirado pelas suas duas irmãs mais velhas, Dalci e Dilma, que já haviam seguido a profissão docente, além do pai que foi um grande motivador para seguir a área do magistério. Abaixo, um fragmento o qual se pode analisar um dos motivos para seguir a área docente, por intermédio da fala de Glades e que se observa os seguintes entendimentos:

Mas ele ia deixar a melhor herança que era a educação, que era um diploma. Porque aquilo ninguém iria tirar da “gente”. “Aconteça o que acontecer, ninguém iria tirar de vocês, é de vocês, é o diploma” (pai). E ele tinha muito orgulho, e o sonho dele era que as filhas fossem professoras.<sup>36</sup>

Assim, sentimentos são exteriorizados, risos de boas recordações, de tempo que não voltam mais, mas que agora são expostos, revisitados, abrindo caminhos para entender singularidades, oportunizando visibilidades do ser crianças por meio destas irmãs. Nas memórias de infâncias das irmãs, são expostas recordações que trarão proporcionalidades e projeções nas trajetórias que serão direcionadas para a área docente das quatro irmãs. São possíveis serem analisadas quando essas memórias se canalizam e erigem perante as pesquisas a campo, ou como afirma Pollak (1989, p.13) “uma história de vida colhida por meio da entrevista oral, esse resumo condensado de uma história social individual, é também suscetível de ser apresentada de inúmeras maneiras em função do contexto no qual é relatada.”

A maneira como é relatada neste estudo, é poder contribuir para olhares acerca de quatro irmãs, negras. A forma como as memórias delas se entrelaçará permitem refletir suas experiências de vidas. Suas trajetórias na área da educação remetem momentos de como foram nas suas infâncias. É também contribuir para as dinamicidades e visões acerca das crianças. Nas reflexões teóricas e empíricas abordadas neste capítulo houve a intenção de desenredar, por meios dos fragmentos de memórias, partes do cotidiano das irmãs negras na cidade de Criciúma. O cotidiano vivido por essas irmãs quando crianças não é diferente das demais crianças de hoje. Difere nas suas práticas de brincar, nos modos de se

---

<sup>36</sup> ROMÃO, Glades Alzira Costa. Op. Cit.

vestirem, de se alimentarem, os quais são únicos em suas experiências. Desta forma, os fragmentos destas irmãs puderam ser contados, pois as mesmas se dispuseram e serem reconhecidas por suas histórias, mas apenas são partes vividas, lembradas. Há muito o que ser analisado, conforme Pais (2006 apud PAULA; FILHO, 2012, p.206) “muito do que não pode ser dito só pode ser vivido, da mesma forma que nem tudo o que é vivido pode ser transmitido.” E esta história continua com suas experiências na educação.

### 3 TRAJETÓRIAS DAS IRMÃS PROFESSORAS

O presente capítulo irá abordar o momento em que as irmãs entram para a área da educação. As ocupações em que as mesmas tiveram ao longo de suas caminhadas educacionais bem como suas escolaridades. Descrevo aspectos relacionados à educação da população negra e a inserção desses sujeitos na sociedade. Abordarei também a contribuição de alguns estudos como as experiências feministas negras com o intuito de oportunizar reflexões sobre esta temática.

Durante as trajetórias das irmãs descritas no capítulo anterior, relato particularidades, vivências de quando criança. Os sonhos das irmãs de serem professoras partem ainda das suas infâncias. Sonhos estes, que irão ganhar forma e serão realizados durante as suas trajetórias ao ingressarem na área da educação, especificadamente no magistério e posteriormente cursarem o nível superior. No entanto, a maioria da população negra, ainda sofre preconceito quando se refere às condições de acesso ao mercado de trabalho.

Conforme Nogueira apud Paula (2005, p.119):

[...] na vida social, em geral, os caracteres negróides implicam preterição de seu portador quando em competição, em igualdade de outras condições, com indivíduos brancos ou de aparência menos negróide. Consequentemente, o status ou o sucesso do indivíduo negróide depende, em grande parte, da compensação ou neutralização de seus traços – ou de seu agravamento – pela associação com outras condições, inatas ou adquiridas, socialmente tidas como de valor positivo ou negativo – grau de instrução, ocupação, aspecto estético, trato pessoal, dom artístico, traços de caráter, etc.

A opção pelo magistério e posteriormente no acesso ao ensino superior por Dalci, Dilma, Estela e Glades, é estabelecida nas relações com que as famílias vão se estabelecer com os demais segmentos da sociedade. Além disso, significa também uma condição de acesso mais qualificado em relação ao status que a profissão pode ofertar. Bem como, condições de empregabilidade que foram também motivadas pela família, no caso os pais das irmãs e as relações estabelecidas no meio social. Fato é que, a educação para essa família, tornou-se um empoderamento por parte das irmãs, as quais tiveram por meio da educação, oportunidades de condições de igualdade, corroborando com a análise de Nogueira.

Visto isso, no contexto da Primeira República em fins do século XIX e

início do XX foram tomadas algumas medidas com relação ao abandono da educação nas províncias brasileiras. Para tanto, foram criadas as primeiras escolas normais para professores. O caminho percorrido no Brasil para a atividade docente estava relacionado aos homens desde o Brasil colônia com os jesuítas. Posteriormente os homens ocuparam também o magistério com as “aulas régias”.<sup>37</sup> No entanto, houve a necessidade de acrescentar as mulheres na atividade docente.

Nesse sentido, as professoras estavam ocupando espaços que até então eram mantidos por homens. Para entender tal situação, e na análise que Louro (2013, p.449) oferece a respeito das mulheres na sala de aula, argumenta que:

Ao serem criadas as escolas normais, a pretensão era formar professores e professoras que pudessem atender a um esperado aumento na demanda escolar. Mas tal objetivo não foi alcançado exatamente como se imaginava: pouco a pouco, os relatórios iam indicando que, curiosamente, as escolas normais estavam recebendo e formando mais mulheres que homens.

No transcorrer das ocupações das mulheres na docência, entendido como o movimento da “feminização do magistério”, a autora descreve vários aspectos desse processo. Desde os dispositivos legais como a Lei de instrução Pública, os mecanismos fiscais postos para as atividades docentes das professoras no qual Louro expõem como “produzindo professoras”, o cotidiano dessas jovens entre outras percepções atreladas às primeiras ocupações das mulheres na docência em fins do século XIX e começo do XX, aumentando gradativamente nas décadas seguintes devido ao movimento destacado.

No entanto, a própria autora evidencia que ao falar da mulher nessas atividades docentes, a mulher negra não é abordada não somente na historiografia desse período, mas nos relatórios das instituições escolares e/ou Estaduais. Logo, com as transformações nas abordagens e análises dos sujeitos na historiografia, pautado numa história social e cultural e nas diferentes categorias, a categoria gênero passou a ser estudada em diversas pesquisas. E não foi diferente com a preocupação com os estudos sobre a mulher negra. Entendendo isso, reconhecer os espaços em que as mulheres negras ocuparam não somente na educação, mas em outros segmentos sociais, é essencial para a compreensão desses sujeitos.

A partir disso, destacam-se os trabalhos de Sueli Carneiro, fundadora e

---

<sup>37</sup> Aulas régias atendia ao ensino elementar de letras e humanidades, gramática, geometria e retórica.

coordenadora-executiva do Geledés<sup>38</sup>, onde procura trazer questões acerca de mulheres negras e as lutas que reivindicam na sociedade. Entre seus estudos, o artigo “Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero” traz algumas inquietações relacionadas ao processo histórico em que a mulher negra se condiciona na sociedade, em específico na América Latina, no caso do Brasil, desde os tempos da colonização. Ou seja, “no Brasil e na América Latina, a violação colonial perpetrada pelos senhores brancos contra as mulheres negras e indígenas e a miscigenação daí resultante está na origem de todas as construções de nossa identidade nacional [...]” (CARNEIRO, 2011, p.1).

Por este prisma, as pesquisas atreladas aos assuntos de gênero, raça e classe social também se encontram referências nas análises de Luiza Bairros. Nisso, destaco “Nossos Feminismos Revisitados”, onde a estudiosa e militante das causas feministas, em particular o feminismo negro. Discute conceitos e certas definições postas as mulheres analisadas pelo pensamento feminista negro e as implicações que recaem sobre a mulher negra. Para isso, frisa-se um apontamento relevante abordado pela autora, a qual evidencia que:

Raça, gênero, classe social, orientação sexual reconfiguram-se mutuamente [...] De acordo com o ponto de vista feminista, portanto não existe uma identidade única pois a experiência de ser mulher se da de forma social e historicamente determinadas. (BAIROS, 1995, p.461).

Para tanto, Bairros (1995) salienta uma questão importante acerca dos papéis das mulheres em decorrência das construções históricas. Ou seja, nas relações que são estabelecidas e reconfiguradas socialmente, na tradição feminista norte-americana, são múltiplas as formas e dimensões para se entender raça, gênero, classe social e orientação sexual. Para essa reflexão, enfatizo as contribuições de Patrícia Collins<sup>39</sup>, afro-americana que estuda o feminismo negro comparado aos padrões hegemônicos de uma cultura masculina branca. Faz uma análise nas contribuições perante o reconhecimento de mulheres negras inseridas no mundo acadêmico. É por esse intermédio, e na construção deste trabalho de conclusão do curso, que faço valer por meio dos depoimentos das quatro mulheres

<sup>38</sup> Site que disponibiliza artigos, estudos e informações acerca da cultura negra e suas especificidades.

<sup>39</sup> Ver COLLINS, Patricia H. **Black feminist thought knowledge consciousness and politics of empowerment**. Nova Iorque, NY, Routledge, 1991.

educadoras e negras, experiências para a construção de conhecimento. Visto que, são poucas as referências que abordam um saber sobre as experiências de mulheres negras na educação. Principalmente quando se trata de uma história local, no caso de Criciúma, atentar para essa temática, é contribuir para reflexões acerca da história da população negra.

Paralelamente a este pensamento sobre gênero, classe social e o papel em que a mulher desempenha na sociedade tendo em vista o viés racial, no caso das mulheres negras, comento a importância das contribuições de Bell Hooks<sup>40</sup> para o entendimento da temática. Hooks é referência nessa área por conceber abordagens sobre o feminismo negro. Afro-americana, professora e intelectual negra e ativista do movimento e causas feministas negras, articula seus estudos em prol das questões associadas ao sexismo, patriarcalismo e as implicações sobre as discussões de classe social correlacionada a raça e gênero e o impacto sobre a mulher negra. Em seu livro “ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade” esclarece a essência da educação de hoje e como os educadores podem estar discutindo o racismo e o sexismo em sala de aula. O livro também conta a experiência de Hooks como educadora no qual aborda um novo tipo de ensinar a fim de “transgredir” as fronteiras raciais, sexuais e de classe.

Uma contribuição para os estudos afro-brasileiros em Criciúma vem também da educadora Normélia Ondina Lalau de Farias, filha da Clotildes Lalau. Na sua monografia de especialização intitulada “Professores/as negros/as na Fucri-Unesc: trajetórias e experiências”. Seus assuntos giram entorno de professores negros, o racismo, educação e a discriminação racial. Os quais promovem uma reflexão a partir das trajetórias destes educadores afro-brasileiros. Sobre isso, vale ressaltar que para a abordagem de gênero, é antes de tudo, perceber que:

Gênero não significa homem e mulher tal qual nascem, mas tal qual se fazem com diferentes poderes, diferentes comportamentos, diferentes sentimentos até. Conceitos de gênero estruturam a percepção do mundo e de nós mesmos, organizam, concreta e simbolicamente, toda a sociedade. É assim que gênero determina coisas tão diferentes como a estrutura do mercado de trabalho, o comportamento dos consumidores, a divisão da propriedade etc. (FARIAS, 2004 apud BARBOSA, 1998, p.42).

A abordagem sobre gênero não se limita a questão biológico entre os

---

<sup>40</sup>Bell Hooks é o pseudônimo de Gloria Jean Watkins. Nasceu nos Estados Unidos em 25 de setembro de 1952.

sexos, masculino e feminino. É uma construção social que acontece em diferentes tempos e espaços bem como em determinadas sociedades. Atreladas com os aspectos de raça, classes sociais, acabam por gerar formas discriminatórias no meio social.

Esses estudos supracitados fornecem subsídios a respeito das interpretações sobre determinados conceitos fundantes nas reivindicações das causas feministas negras. Desta forma, e para uma possível compreensão acerca das experiências que temos sobre a população negra, faz sentido estabelecer conexões acerca destas experiências na formação do nosso Estado, especificadamente em Criciúma. Não somente na educação, mas nos demais setores sociais. Visa, nesse sentido, buscar contribuir para o reconhecimento bem como a ressignificação de uma parcela da população negra formada por homens, mulheres e crianças, o que não é muito discutido e analisado na historiografia.

Nesse sentido, as populações negras não foram meros expectadores do que estava acontecendo nas esferas sociais diante das mudanças que estavam ocorrendo em fins do século XIX e começo do XX com a Proclamação da República. Não só contribuíram e contribuem em pensar a formação e construção no âmbito educacional, cultural, social, econômico, ou seja, como agentes históricos, estão inseridos no contexto político-social de Santa Catarina. Sendo assim, a literatura, a imprensa, o teatro, música, política e a educação tiveram como negros representantes de tais segmentos. Trajetórias estas, que perpassam não só mobilizações por parte dos negros, mas que também denotam formas estratégicas de atuação. Devido à precariedade de políticas públicas voltadas para a efetiva inserção do negro em Santa Catarina, eram nessas áreas que detinham um status e reconhecimento por parte da esfera pública.

Desta forma, a inserção na educação romperia e rompe com formas discriminatórias, atreladas ao racismo, para que pudessem afirmar suas condições na sociedade. A educação e os educadores negros em Santa Catarina na percepção de Romão (2014, p.33) são compreendidos na possibilidade de “territórios de referência.” São tidas como referências, pois muitas vezes “as trajetórias bem-sucedidas desses professores estiveram a serviço das comunidades de pertencimento [...]”<sup>41</sup> Essas comunidades de pertencimento a qual Romão destaca,

---

<sup>41</sup> ROMÃO, Jeruse Maria (org.). **Africanidades catarinenses: história e cultura afro-brasileira**. João Pessoa, PB: Editora Grafset, 2014, p.33.

podem ser analisadas também pelo grupo familiar e escolar. Nesse caso, é perceptível na análise que objetiva explicitar as trajetórias e experiências das irmãs, interpretar que pela educação, isto é, suas referências para serem professoras estavam atreladas as instruções e referências familiares e escolares bem como as relações que a família fora estabelecendo, corroborando desta forma na análise de Romão.

E o que sabemos sobre as experiências de mulheres negras e sua escolaridade em Criciúma? A contribuição de Collins (1991) sobre as experiências nas esferas acadêmicas por mulheres negras norte-americanas contribui para essa reflexão. Em Criciúma, há como referência a professora Clotildes Lalau, citada anteriormente. Clotildes torna-se referência para as professoras negras, nesse caso, também para as irmãs motivadas a seguirem essa profissão. Por ser uma negra que atinge o espaço educacional, as irmãs vêem-se nesse espaço público, possibilidades de ascensão.

Além disso, há a elaboração do Caderno Pedagógico (2008) “negros e negras em Criciúma: a implementação da lei 10.639/03 e as personagens de uma história desconhecida.” O Caderno Pedagógico (2008) discute e descreve as histórias de negros e negras, ou seja, personagens de uma história desconhecida na formação do município de Criciúma. No livro estão divididos artigos realizados em parceria com sete escolas da rede municipal, juntamente com a Secretaria Municipal de Educação, a participação do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e a Universidade do Estado de Santa Catarina para a construção de uma memória que favoreça e resignifique as identidades dos sujeitos que constroem o meio em que vivem. Ademais, o Caderno subsidiou corpos docentes como formações de professores multiplicadores, diretores e orientadores educacionais, com o objetivo de incluir no projeto político pedagógico da escola a Lei Federal 10.639/03.

Há também as contribuições de Juliana de Souza Krauss relatando a presença feminina no Movimento Negro local, abordando a presença de Clotildes Lalau neste segmento. Essas colaborações ajudam a refletir acerca das experiências e da importância de se registrar a história da população negra na cidade de Criciúma, no tocante as análises das mulheres negras que ainda é muito incipiente. E que, este trabalho também se coloca como uma forma de dar

---

visibilidade às experiências de quatro mulheres negras na educação.

Neste sentido, para que pudessem seguir o caminho do magistério, destacam as figuras de seus pais e Dalci que por ser a primeira a ser professora, tornou-se referências para as irmãs:

Então assim, a questão da educação, o sonho dele era que os filhos estudassem. Que as filhas fossem professoras e ela tinha muito orgulho disso também! Era um desejo dela também! Então os dois na verdade, a luta deles era para garantir isso pra nós. Eu lembro que antes de ela morrer, ela morou comigo muitos anos, que ela lembrava de quando lavava roupa, passava, as vezes ficava até tarde para poder entregar aquelas coisas tudo certinha. Mas ela tinha certeza que um dia ela ia ver as filhas dela que nunca iam passar pela situação que ela estava passando. Mas ele ia deixar a melhor herança que era a educação, que era um diploma. Porque aquilo ninguém iria tirar da “gente”. “Aconteça o que acontecer, ninguém iria tirar de vocês, é de vocês, é o diploma”. E ele tinha muito orgulho, e o sonho dele era que as filhas fossem professoras.<sup>42</sup>

Foram muitas! Era o pai com aquele jeito dele mandando a gente estudar, que a gente tinha que ter diploma, que éramos mulheres, que nós éramos negras, tinha aquela preocupação dele. Depois a Cissa quando foi ser professora. Mas nós queríamos ser professora, porque quem era professora era rica! Então para nós professoras significava poder! Pra mim isso na minha infância foi muito claro.<sup>43</sup>

Meu pai que queria muito que eu estudasse. Que eu era inteligente, tinha que ser professora. E aí tinha a Dona Natinha que me incentivava muito, mas ela era branca, era comadre da mãe e vizinha de porta. Eu tinha uma madrinha minha que era professora.<sup>44</sup>

A minha irmã foi um exemplo! Mas a motivação veio dos pais. Porque eles cobravam de nós. Tem que estudar...tem que estudar! E quando o pai cobrava a gente obedecia. Isso eu chamo de sabedoria. Sabia e fez com que os filhos se comprometessem a estudar. E o meio mais fácil, na época, para mim era ser professora.<sup>45</sup>

Assim, a herança estava nos arranjos familiares e sendo assim, a herança inseria-se nos valores familiares desta população. Não foi diferente das irmãs, pois é enfatizada muito em suas falas, a educação atribuída a elas remetendo as suas lembranças infantis. Esta educação, no sentido de valor familiar vinha dos seus pais, Dona Erauta e insistentemente posta por Argemiro. Tido como primeira referência pelas irmãs a seguirem o caminho da educação, os pais das irmãs são lembrados com muito carinho por Estela:

---

<sup>42</sup> Ibid, Glades.

<sup>43</sup> SILVA, Maria Estela Costa da. Op. Cit.

<sup>44</sup> LUZ, Dalci Costa da. Op. Cit.

<sup>45</sup> SANTOS, Dilma Costa dos. Op. Cit.

Eu queria ser professora porque eu queria ter um carro, ter uma casa na praia, pouco chique ser professora! Então eu crescia achando que era o máximo! Eu sempre fui muito encantada em ser professora! Já temos a nossa irmã Dircinha que quis ser enfermeira. Eu até fiz um curso de atendente de enfermagem, mas [...].<sup>46</sup>

Estela ao lembrar que seu sonho era ser professora pelo fato de que por meio da sua irmã Dalci, a primeira a entrar para o magistério se torna referência dentre as irmãs professoras, e também pela outra sua irmã, Dirce, que optou a enfermagem. Alcançar um status social e oportunidades de possibilitar condições que permitissem usufruir de outros meios “tão caros” á época, o qual Estela percebia que pelo fato de ser professora, poderia comprar um carro, casa na praia entre outros. Estela antes de entrar para o magistério foi trabalhar numa clínica de fisioterapia em Criciúma, o qual a dona da clínica irá incentivar Estela que a mesma deveria seguir a docência pelo dom que percebia nela. Essas relações irão servir de suporte e condicionação nas trajetórias das irmãs ao se constituírem professoras, isto é, os pais, as professoras de infância, as duas primeiras irmãs que entram para o magistério, Dalci e Dilma e demais pessoas que correlacionarão com a família.

Dalci é lembrada por Estela como Cissa, apelido carinhoso de família. Dalci é tida como referência a seguir o caminho da educação para as irmãs. Dalci destaca que: “elas mesmos já se espelhavam em mim e já foram seguindo a mesma carreira. Depois quando vim para cá, a Dilma também já estava dando aula.” O fato de Dalci objetivar ser professora fez com que as motivações de Dilma, Estela e Glades se tornassem cada vez mais cristalizadas para qual caminho seguirem.

Importante também estava à função atribuída aos seus pais no incentivo pelos estudos enfatizado por Dalci “meu pai que queria muito que eu estudasse. Que eu era inteligente, tinha que ser professora” e na firmeza muitas vezes lembrado pelas irmãs como “mandão”. Há isso, implicava-se no cumprimento com que as filhas procurassem se empenhar nos estudos e desta forma procurarem como futuras profissões a área da educação, ou seja, de incentivá-las serem professoras.

Percebe-se também nas falas das irmãs, por mais que o caminho da educação as possibilitava certo status social, ou melhor, uma qualificação e reconhecimento público, a questão da cor ainda estava presente no imaginário daquela época. Conforme o argumento de Estela “que éramos mulheres, que nós

---

<sup>46</sup> SILVA, Maria Estela Costa da. Op. Cit.

éramos negras”, o que denota certa inquietação de seu Argemiro das possibilidades de enfrentamento atrelada aos preconceitos com que a população negra enfrentava e enfrenta em Criciúma.

Pelas dificuldades que a vida se impunha para uma família com sete filhos, cabendo ao sustento pela manutenção da mesma, os pais deram todos seus esforços na forma como criaram seus filhos. Seu Argemiro se alfabetizou devido ao desempenho de Dona Erauta e das filhas Estela e Glades, a qual com sua dedicação lhe ensinou as primeiras palavras e a lê-las, tornando-o um homem letrado. Nesse sentido, compreende-se que longe dos pais de estarem atrelados a educação, no sentido de serem professores, e sim, um mineiro e outra lavadora de roupas atribuíram-se um sentido de valor familiar. Este seguido pelos laços parentais, como colocado na fala de Glades “então os dois na verdade, a luta deles era para garantir isso pra nós.”

Dilma, entre as suas lembranças, destacou um episódio de quando criança, ao mencionar que quando sua mãe foi trabalhar na limpeza da Escola Estadual Rubens de Arruda Ramos, no bairro Nossa Senhora da Salete em Criciúma, acompanhou sua mãe para ajudá-la na limpeza da escola. Não somente ela, mas as outras irmãs também a ajudavam. Ao relatar este acontecimento, relembra que:

Eu sempre falava para as minhas irmãs que eu iria sentar naquela mesa! E elas riam. Eu dizia que eu iria sentar naquela mesa! Na época também eu fazia faxina numa casa de uma professora. Eu sonhava em ser professora! Sonho de infância, de adolescência! Aí nós limpávamos, lavamos e varriamos o chão [...] mas eu dizia que eu iria sentar naquela sala.<sup>47</sup>

Este relato me despertou curiosidade pelo fato, de que quando criança, Dilma sonha pela carreira da educação, ou seja, em ser professora. Dalci, a irmã mais velha já era professora. Dilma não reconhece o nome da professora, mas que de certa forma também a estimulou em ser professora e o contato com esses “territórios de referências” que Romão (2014) menciona, faz com que a carreira da docência a desperte a vocação desde pequena.

Além disso, outro ponto relevante que Dilma relembra, o que como pude perceber na sua fala, que um dia ela sentaria-se à mesa que era ocupada pelo cargo da diretora. Isto é, sonhava em ser professora, mas não se limitava apenas nessa

---

<sup>47</sup> SANTOS, Dilma Costa dos. Op. Cit.

função. Transgredia-se assim, os obstáculos com que a população negra, em especial as mulheres negras teriam que ter para ocupar determinados cargos com certo prestígio, que era o caso de ser diretora de uma escola.

Porém, ao seu formar no segundo grau, hoje ensino médio, na escola do Bairro São Cristóvão e feito o magistério, Dilma presta concurso para admissão de professores temporários e irá ser transferida para o município de Campo Erê, no oeste catarinense. Lá, trabalhará com as turmas do primeiro ano e consegue a remoção para o município de Içara. Nisso, “eu tinha uma primeira e uma segunda série. Eu trabalhei na escola durante sete anos. Mas eu já estava feliz da vida porque eu já estava perto da minha família”. O fato de conseguir a remoção e estar mais perto da família e nessa época já tinha seu primeiro filho, pois casou-se ainda quando fazia o “segundo grau”.

Assim, trabalhará durante sete anos na escola de Içara, numa comunidade isolada conseguindo a remoção para trabalhar na escola Rubens de Arruda Ramos. A escola com que faz lembrar sua infância com suas irmãs, de quando ajudava sua mãe que era servente na escola. Ao trabalhar nesta escola, Dilma decide cursar pedagogia na FUCRI (Fundação Educacional de Criciúma), hoje Universidade do Extremo Sul Catarinense – Unesc e quando termina, faz sua complementação em supervisão escolar para trabalhar na escola Rubens de Arruda Ramos. Desta forma, na sua lembrança:

Passaram-se os anos e eu sempre tive o sonho de ser diretora. Aí quando peguei a direção me veio àquela cena de quando eu limpava a escola com minha mãe. Agora eu estou aqui, na mesma sala, na mesma mesa! Aí fui revirar no arquivo morto da escola e encontrei o livro-morto que na época a minha mãe assinava como servente.<sup>48</sup>

O tempo passou, e Dilma volta na mesma escola, que na época de infância ainda sonhava em ser professora. No entanto, desta vez, depois de trabalhar alguns anos nesta mesma escola com as turmas do segundo ano do primário, hoje ensino fundamental anos iniciais, assume a função de diretora após ter cursado pedagogia e supervisão escolar. Sua fala de quando criança, lembrada na sessão anterior, de que “um certo dia” sentaria na mesa que era da diretora, agora se concretiza ao assumir a função de diretora.

Por este prisma, o caso das professoras negras ao buscarem a área da

---

<sup>48</sup> SANTOS, Dilma Costa dos. Op. Cit.

educação na cidade de Criciúma nas décadas de 1960 - 1980 é, sobretudo, como supracitado, um status social. A maioria das famílias negras, tendo suas filhas como professoras, os pais foram analfabetos, muitos ligados aos afazeres domésticos como o caso da mãe das irmãs e/ou envolvidos com as atividades ligados as minas na cidade, caso de Argemiro. Muitas dessas atividades foram desempenhadas também pelos avós das irmãs, principalmente a profissão doméstica.

Com o intuito de superar as dificuldades com que a população negra obtinha na época em que as irmãs desejaram entrar para o magistério em Criciúma, as mesmas superam suas expectativas, que ao longo do tempo não só em Santa Catarina, mas em todo Brasil, de que a escola não era um espaço ocupado pelos mesmos. Supera-se assim obstáculos, e barreiras são rompidas, objetivando uma qualificação profissional numa família que como sabemos, haviam as dificuldades e mais, o fato de serem negras e mulheres se tornava um obstáculo a mais para provarem que foram capazes de superarem os desafios impostos na sociedade.

Assim, na lembrança destacada por Glades, tornar-se professora na percepção de sua mãe, é “porque as filhas dela iriam estudar, teriam um emprego melhor, iam ter um carro para dirigir e ela tinha esses sonhos. Ela se projetava através das filhas, e o pai por sua vez, também!”. O fato de projetar nas filhas o caminho da educação é saber que as mesmas não passariam pelas mesmas dificuldades que eles passaram. A educação propiciava um elevado nível econômico, um status social que lhes davam prestígio, no entanto, existiam as dificuldades que eram colocadas mesmo quando as professoras negras atingiam a função de professoras. No evocar de Dalci, analisa-se o seguinte entendimento:

Não só como professoras as mulheres para ocupar os espaços, mas outros lugares também, porque valoriza a mulher. Aí a mulher para sair fora de casa, foi atingindo outros patamares, foi melhorando, se valorizando. De repente se tivesse outra coisa seria mais acessível, porque o resto era mais difícil, negra ainda! Era mais difícil! No magistério não tinha isso, porque eu sempre entrei com concurso, no primário com concurso, no ginásio com concurso.<sup>49</sup>

As irmãs ao romperem com as barreiras com que a população negra possui quanto ao preconceito, às qualificam situações de valorizar a profissão docente da forma que a mesma possibilitava não somente um status social, mas sim, a superação dos obstáculos impostos às populações negras. Desta forma, Dalci

---

<sup>49</sup> LUZ, Dalci Costa da. Op. Cit.

relembra que as experiências com que a mulher possibilitava por meio da educação, e ainda mais por serem negras, as oportunizara ressignificar valores, isto é, “aí a mulher para sair fora de casa, foi atingindo outros patamares, foi melhorando, se valorizando.”

Viabilizava-se então, ascender numa profissão que as pudessem ocupar um lugar compartilhado socialmente, e que nas irmãs e nas demais professoras negras que almejassem essa profissão. Segundo Gomes apud Manoel (2008, p.89) “o ingresso no magistério significa, para a mulher negra [...] a culminação de múltiplas rupturas e afirmações: [...] a busca de uma profissão que lhe garanta um espaço no mercado de trabalho [...]” Assim sendo, as possibilitam também de serem muitas vezes vozes e referências para a comunidade negra. No caso de Criciúma, as professoras negras que se destacavam na área da educação, também em alguns casos, foram atuantes no Movimento Negro da cidade. Conforme a pesquisa desenvolvida por Krauss (2011) que aborda a presença de Clotildes Lalau como militante do Movimento Negro bem como a sua presença neste segmento. A respeito disso, vale destacar a seguinte análise:

Em sua trajetória como educadora Clotildes dedicou-se a formação das mulheres afrodescendentes, pois dava cursos para prepara-las para o exame admissional visando que as mesmas tornassem professoras normalistas e chegassem a fazer faculdade além do curso de magistério [...] A luta de Clotildes pela educação inclusiva aliada as manifestações racistas, que ocorriam frequentemente na cidade, no qual ela, mesmo tendo ascendido socialmente sofria bastante, a levaram a militância no Movimento Negro. (KRAUSS, 2011, p.8).

Clotildes é até hoje referência para a população negra em Criciúma a qual a mesma buscava combater o racismo não só pela cor da pele, mas também os preconceitos existentes dentro do próprio Movimento Negro em relação à mulher negra. Compreende-se que mesmo neste movimento de cunho por lutas equacionais, a mulher desempenhava papéis secundários na organização. O que infere identificar o rompimento com o preconceito e com as formas discriminatórias, a qual a educação possibilitava um maior domínio da esfera pública em Criciúma. Rompem-se situações donde o prejuízo de que a população negra não fosse capaz de possibilitar cognições sociais.

E ao invés disso, no caso das irmãs ao romperem com esses estereótipos, transcendem a época em que as se destacam ao percorrerem o

caminho do magistério. Algumas professoras negras serviram de referências para estas irmãs, fazendo refletir ao que Romão aborda dos “territórios de referências”, nesse caso o grupo escolar que é rememorado por Glades e Dilma:

Depois tive a Claudete que fomos amigas até hoje e era uma professora negra, amiga das minhas irmãs e assim, como eu era muito ativa, dinâmica, ela era uma pessoa muito calma, tranquila. Nossa eu amava! Eu acho que foi a professora que mais me marcou! Muito querida, muito atenciosa, eu lembro que ela era uma professora bem cheirosa e as unhas dela era impecável! As roupas eram bem passadas, era um exemplo de professora! Naquela época se usava guarda pó e o guarda pó dela era o mais branco da escola. E pra nós como crianças negras, era um orgulho ter aquela professora negra.<sup>50</sup>

As primeiras negras que chegaram a Criciúma e me despertou em pensar de que um dia eu vou chegar lá! Foi a Léia que veio de Tubarão [...] veio a Clotildes, a Maura. Veio uma turma de professores que na época chamaram bastante minha atenção e da comunidade negra, porque Criciúma, que eu lembro, uma das primeiras a se formar negra, foi a minha irmã e tem outras aí [...] E a Clotildes deu aula de português para mim quando eu fazia o segundo grau no São Cristóvão, que hoje é o ensino médio. E a Léia deu aula para a minha irmã no Lapagesse na terceira ou quarta série. Então foram pessoas que nos chamaram atenção e que me deram a motivação de que nós mulheres negras podemos chegar lá!<sup>51</sup>

Na fala de Glades percebe-se que na sua infância, a professora Claudete, dentre as demais, foi a que mais a motivou não só como professora, mas também o desejo de seguir essa profissão. É perceptível que nas lembranças que Glades, descreve traços da professora que mais a instigava. Tal como: o jeito de a professora se vestir, o modo como ela educava como sendo seu jeito de ser “muito querida, muito atenciosa”, o que para Glades era “um exemplo de professora”. Sendo assim, a procura pela área da educação, por meio deste fragmento, remete as suas professoras de quando eram crianças, neste caso, no depoimento de Glades.

Em relação às memórias de Dilma, é possível depreender que algumas referências de professoras negras que vieram de Criciúma. Entre elas, a professora Clotildes, no qual mencionei anteriormente. O fato de essas professoras virem lecionar na cidade, tornou-se uma referência para a comunidade negra, em especial para as mulheres negras que queriam ascender por meio da educação. No caso das irmãs, em específico na fala de Dilma, perceber por meio das experiências destas professoras negras nas esferas educacionais, outras possibilidades de se

<sup>50</sup> ROMÃO, Glades Alzira Costa. Op. Cit.

<sup>51</sup> SANTOS, Dilma Costa dos. Op. Cit.

inserir socialmente. Sendo que, a própria Clotildes lecionou para Dilma na escola estadual no Bairro São Cristóvão. Quanto a Léia, indaguei sobre a mesma na procura por mais informações, mas Dilma somente lembrou desse nome a pessoa como referência.

Logo, nas análises destas informações, lembradas por Glades e Dilma, é provável que mediante a educação, almeja-se um status social mais elevado bem como oportunidades de ascender publicamente. O empoderamento com que a educação impactará nas escolhas das profissões das irmãs, é desde cedo, através dos estímulos dos pais, das referências das professoras negras e também não negras de quando crianças e nas relações que a família foram se estabelecendo no decorrer do crescimento das irmãs. O acesso na escola particular Colégio Michel em Criciúma por Dalci e Glades, por meio da relação que o pai delas obteve com Diomício Freitas, prefeito de Criciúma na época, ao conceder bolsa de estudos para elas, não é algo comum na história dos negros na cidade e ao menos no que se percebe, também na história do Brasil. No entanto, por meio deste trabalho, o fato de a família possuir certas condições econômicas que as diferenciava dos demais grupos familiares, a educação além do referencial supracitado, as empoderava para enfrentamentos dos obstáculos com que a população negra estava submetida. O que faz destacar novamente na fala de Glades: “ele ia deixar a melhor herança que era a educação, que era um diploma [...] o sonho dele era que as filhas fossem professoras.”

### 3.1 AS IRMÃS NA EDUCAÇÃO: AS FORMAÇÕES ESCOLARES

Dalci Costa da Luz, dentre as irmãs na família, é a primeira a entrar para a área da educação. Quando criança estudou na Escola de Educação Básica Coelho Neto no Bairro Santa Bárbara. Em seguida, juntamente com outra sua irmã, a Dilza, a mãe as colocou na Escola de Educação Básica Professor Lapagesse, no Bairro Centro de Criciúma. Dalci argumenta que “estudei ali até o 5º ano. Naquele ano que entrei, não me lembro se passei ou rodei, mas ali ia até o 5º ano.” Em seguida, Dalci conseguiu a bolsa de estudos para estudar no colégio particular Madre Teresa Michel, de ordem religiosa no Bairro Michel. Nesse caso, lembra que “fiz o ginásio, desde a 5ª série até me formar, até o normalista, uns sete anos estudando no Michel.”

Ao se formar normalista no colégio Michel em 1968, Dalci começa a dar aulas após prestar concurso público em Criciúma. Ingressa-se assim a sua vivência como professora o qual lecionará para as turmas de primeira a quinta série neste período. Em 1974, começa a estudar no curso de Educação Artística na FUCRI, concluindo em 1978. Atualmente, o curso que Dalci fez, recebe a nomenclatura de Artes Visuais. Dalci relembra que “quando me formei, fiz concurso para pegar de quinta à oitava série. Trabalhei com educação artística em Urussanga, no Caetano Bez Batti. Fiz remoção e vim trabalhar no Miguel Giacca, no Rio Maina. Ali foi minha última escola.” A pós-graduação irá fazer em 2005 em Especialização em Educação Inclusiva, sendo realizada por ensino a distância.

Em seus depoimentos, Dalci relembra alguns momentos da sua experiência como professora e os locais por onde exerceu sua atividade docente:

Aí eu já trabalhava, desde 68. Quando me formei em 68, fiz concurso e fui trabalhar na serra, lá em Ponte Alta, Curitiba. Trabalhei um ano lá, depois no outro ano vim mais para perto de Lages [...] e depois vim para Blumenau. Trabalhei um ano em Blumenau. Depois fiz a remoção e vim trabalhar aqui, naquele colégio Marechal Rondon. Trabalhei ali uns dois anos, depois fiz outra remoção para o São Cristóvão, aonde eu morava e vim trabalhar. Ali no São Cristóvão eu trabalhei até eu me formar na faculdade.<sup>52</sup>

Dilma Costa dos Santos, a segunda das irmãs a entrar para o magistério, irá começar a estudar em 1958 o ensino fundamental anos iniciais e finais, antes era chamado de primário e ginásial, na escola Estadual Professor Lapagesse. Aos dezessete anos irá estudar o ensino médio, antes era o segundo grau, no colégio Antônio Guglielmi Sobrinho no bairro São Cristóvão. Ali cursa o normalista que era a habilitação na época para poder lecionar. No entanto, no segundo ano do normalista, Dilma irá se casar e vai morar em Maracajá terminando o estudo do segundo ano no colégio de lá, a qual não recorda o nome. O motivo de ir morar em Maracajá é devido ao emprego de seu marido, o qual trabalhava numa estofaria na cidade. Logo depois, retorna para Criciúma, concluindo no colégio Estadual São Cristóvão. Sua primeira escola que lecionou foi numa escola municipal Francisco Skrabski no bairro Argentina - Criciúma, “na época peguei uma quarta série.”

Em seguida, prestou concurso e foi trabalhar em Saltinho, uma cidade do oeste de Santa Catarina. Lecionou nas primeiras turmas para uma comunidade de

---

<sup>52</sup> LUZ, Dalci Costa da. Op. Cit.

origem alemã. Dilma recorda que ao chegar à comunidade “a figura do negro, via-se com espanto, admiração. Peguei uma primeira série que a maioria falava alemão.” Pois não era comum uma professora negra lecionar, na época para uma comunidade que até o alemão era estudado na escola. Com o tempo, Dilma relembra que foi conquistando as crianças, chegou a fazer uma reunião com os pais naquela localidade e quando conseguiu a remoção para vir lecionar em Içara, os pais das crianças fizeram um almoço para a despedida de Dilma e “foi um almoço grande. Foi aí que eu percebi que eu tinha conseguido alcançar o meu objetivo com aquelas turmas!”

Em Içara, trabalhará numa escola isolada para uma comunidade de origem italiana. Trabalhará por sete anos na escola, a qual Dilma comenta uma situação de preconceito, onde uma aluna da escola, num momento em que estavam fazendo atividades na rua e expostas ao sol, perguntou para Dilma que também estava no pátio da escola, se retirar do sol, pois estava ficando queimada do sol. No momento em que a aluna foi falar essa situação, Dilma compreendeu que na inocência da criança, o racismo estava posto de forma que nem a criança percebia tal manifestação. Por este fato, Dilma entendeu que tinha que fazer algumas reflexões sobre a história da população negra e a questão da escravidão bem como a cor da pele que diferenciava da dos brancos para as crianças e em especial para aquela aluna na escola.

Depois disso, transfere-se para a escola Estadual Rubens de Arruda Ramos em Criciúma lecionando para uma turma da segunda série. Por estar mais perto da família, decidiu fazer o curso de Pedagogia na FUCRI, em 1982, concluindo em 1986. Ao concluir o curso, continuou seus estudos cursando a especialização em supervisão escolar numa faculdade no Rio de Janeiro em 1987, a qual não recorda o nome. Com o curso de supervisora escolar, irá trabalhar na função como supervisora na escola Rubens de Arruda Ramos. Na década de 1990, depois de alguns anos como professora e supervisora na escola, assume a direção escolar até se aposentar. Além desta escola, assumirá a direção de duas escolas estaduais em Criciúma: a Escola Estadual de Educação Básica João Frassetto e a Escola de Educação Básica Maria Jose Hulse Peixoto. A experiência na área da educação de Dilma passou por ocupação de professora, supervisora, diretora e coordenadora do programa social do município.

Figura 4 - Dilma, a terceira da esquerda para a direita na parte de trás da foto. Nessa época, já era diretora da Escola Rubens de Arruda Ramos no bairro Nossa Senhora da Salete – Criciúma/SC. Turma do terceiro ano do ensino médio juntamente com algumas colegas



Fonte: Arquivo pessoal de Dilma Costa dos Santos.

Maria Estela Costa da Silva, a terceira das quatro irmãs a entrar para a área da educação, estudou na Escola de Educação Básica São Cristóvão no bairro São Cristóvão. Estudou nesta escola da primeira a oitava série. Em seguida, irá fazer o ensino médio na Escola de Educação Básica Engenheiro Sebastião Toledo Santos, no bairro Comerciário em Criciúma. Perante o seu depoimento, argumenta que “fui para o Colegião. Fiquei dois anos e depois eu casei. Foi em 1979, aí eu parei de estudar porque eu tive os meus dois filhos, o Israel e a Lisa bem seguidos.”

Na época, com o Israel de um ano e três meses, Lisa logo nasceu. Passou uns meses e com os filhos um pouco crescidos, Estela retorna para concluir o ensino médio fazendo o supletivo escolar, hoje recebe o nome de Centro de Educação de Jovens e Adultos.

No entendimento das falas, Estela analisa que “aí voltei a estudar e fiz o supletivo, estudava por módulos, pois como tinha os meus dois filhos. Quando terminei o supletivo, um ano e meio depois eu fui para a faculdade.” Percebe-se que mesmo com os filhos, Estela consegue dar sequência nos seus estudos. Irá realizar

o curso de Pedagogia na Universidade do Extremo Sul Catarinense - Unesc em 1990, concluindo em 1994. Em seguida, cursará na mesma instituição a especialização em Supervisão Escolar em 1996. Além desta especialização, Estela também possui uma pós-graduação em Educação Inclusiva na Universidade Castelo Branco - Rio de Janeiro/RJ, com início em 04/10/2005 e término em 04/08/2006. Atualmente, é coordenadora da COPIRC (Coordenadoria da Promoção e Igualdade Racial de Criciúma). Entre as suas experiências como educadora, afirma a seguinte percepção:

Mas quando eu terminei o supletivo, logo em seguida, era uma época bem de política, foi em 1988 que eu comecei no magistério. Ingressei na educação, comecei a trabalhar na Afasc e no João Frassetto. No Estado eu trabalhei no João Frassetto, no Maria Hulse Peixoto, no Arruda Ramos trabalhei cinco anos direto que era uma vaga vinculada.<sup>53</sup>

Estela, quando foi trabalhar na Escola de Educação Básica João Frassetto, trabalhou com a sua irmã, Dilma. Essa era diretora da escola naquele período, por volta de 1988. Além disso, sua passagem como educadora na rede estadual em Criciúma perpassou além da escola João Frassetto, na Escola de Educação Básica Maria José Hulse Peixoto, Escola de Educação Básica Rubens de Arruda Ramos. No magistério, irá trabalhar na Afasc, que é uma Associação Feminina de Assistência Social de Criciúma. Nas suas trajetórias, aborda que:

Também trabalhei pela Uniasselvi como professora tutora e faz um ano que eu formei a última turma e no ano 2000 eu fui para o Sesc trabalhar na coordenação. Fiquei de 2000 a 2014 na coordenação do Sesc, coordenando a educação infantil e o ensino fundamental e projeto Habilidades de Estudos.

Ao trabalhar durante dez anos no Sesc (Serviço Social do Comércio) em Criciúma, na década de 2010, relata situações que sofria com o preconceito, pois Estela foi coordenadora da Educação Infantil desta instituição, a qual muitas vezes, as pessoas e principalmente as mães das crianças ao chegarem na escola, confundiam a coordenadora com a secretária, devido o fato de a secretaria ser branca.

Depois quando eu fui para o Sesc era muito visível o espanto. De as pessoas chegarem à sala da coordenação e perguntarem para mim pela coordenadora! Depois em 2011, nós tínhamos uma secretaria que era loira

---

<sup>53</sup> SILVA, Maria Estela Costa da. Op. Cit.

que ficava junto na primeira sala, eu e ela. As pessoas chegavam e se dirigiam a ela. Falavam como se ela fosse a coordenadora. Aí ela dizia assim: “mas eu não sou a coordenadora, a coordenadora é a Estela”. Eu reagia sempre muito tranquila e isso acaba irritando mais o outro. E às vezes no Sesc ligavam e diziam que aquela coordenadora era tão arrogante. E a minha gerente que era italiana, aprendeu a conviver com o racismo que ela só foi perceber que as pessoas eram racistas depois que ela ficou muito próxima a mim.

Apesar do preconceito que muitas vezes estava velado nas convivências estabelecidas de Estela, a mesma afirma que não se intimidava com as situações racistas. Pois afirmava que “sempre fui muito tranquila”, porém sua consciência está no fato de que a mulher deve ocupar espaços e serem reconhecidas por suas qualificações, mesmo enfrentando a questão da cor. Para Farias (2004, p.37), “mesmo que, os valores como igualdade [...] respeito ao próximo e as diferenças, estejam presentes no discurso da escola, outros mecanismos, talvez mais sutis, revelam o preconceito e estereótipos.” Desta forma, também se faz presente no cotidiano escolar, no caso de Estela.

Figura 5 - Estela na formatura do curso de Pedagogia na Universidade do Extremo Sul Catarinense - Unesc, em 1994



Fonte: Arquivo pessoal de Maria Estela Costa da Silva.

Glades Alzira Costa Romão é mais nova dentre as quatro irmãs e a última a entrar para a área da educação na família. Estudou na época que era o primário

da primeira à quarta série da Escola de Educação Básica São Cristóvão. O ginásio, hoje o ensino fundamental das séries finais, e o primeiro ano do segundo grau, hoje ensino médio, fez no colégio Michel da rede particular de ensino em Criciúma. Em seguida, foi estudar o magistério na Escola de Educação Básica Sebastião Toledo Santos, em 1985. Quatro anos depois, entra para o curso superior em Pedagogia na Universidade do Extremo Sul Catarinense - Unesc em 1989. Concluiu três pós-graduações na mesma instituição, as quais: Supervisão Escolar (1994), Psicopedagogia Clínica Institucional (2000) e Educação Inclusiva (2002). Nas suas recordações, Glades comenta fragmentos de sua experiência educacional:

Em 1986 entrei na Universidade, depois cada ano dava uma descansada e já voltava pra estudar. Mas sempre dando aula! Até passei pelo Estado, mas meu foco era o município. Me aposentei pelo município. Eu comecei na época era Projeto Casulo na Afasc, que era só um projeto, e fomos umas das primeiras professoras. Comecei no Sangão e fui transferida para trabalhar no centro, tudo com a educação infantil. Depois fui trabalhar numa escola da Próspera, fiz o concurso e me efetivei. Optei por trabalhar na Santa Luzia, na escola Amália João Batista. Porque dava aula de manhã e fazia pedagogia a tarde.<sup>54</sup>

Entre as suas experiências como educadora, Glades optou por trabalhar mais nas escolas da rede municipal de Criciúma. Seu primeiro contato como educadora com o ensino infantil, oportunizado pelo curso de magistério realizado na Escola Sebastião Toledo Santos, foi na Afasc (Associação Feminina de Assistência Social de Criciúma). Quanto à questão da existência de alunos negros de quando cursou Pedagogia na Unesc, relata que “na época da Pedagogia nós começamos com cinquenta alunos, acabamos concluindo o curso com por volta de vinte e cinco alunos. Desses vinte e cinco, éramos quatro mulheres negras”. Percebe-se que a educação no nível superior estava associada a um grupo seletivo de pessoas, os quais a maioria eram brancos. Da turma que Glades se formou em Pedagogia, apenas quatro eram da cor negra, entre elas, Glades. Isso vai acontecer de forma ainda mais restrita na especialização em relação à questão a cor da pele. Lembra que ao cursar a pós-graduação em Supervisão Escolar e a Psicopedagogia Clínica Institucional, as únicas negras eram a própria Glades e a sua irmã Estela. Bem como que ao cursar a pós-graduação em Educação Inclusiva, fez com a sua irmã Dalci.

---

<sup>54</sup> ROMÃO, Glades Alzira Costa. Op. cit.

Figura 6 - Glades, quarta da esquerda para a direita na. Formatura do curso de Pedagogia da Universidade do Extremo Sul Catarinense em 1989



Fonte: Arquivo pessoal de Glades Alzira Costa Romão.

Ademais, refletir para as experiências e as lembranças das irmãs que se constituíram professoras em Criciúma – SC nas décadas de 1960 – 1980 é contribuir para o entendimento sobre as análises da população negra, em especial para a história da educação e as trajetórias lembradas por estas professoras em Criciúma e nas demais localidades que lecionaram. Suas referências para seguirem o caminho da educação partem ainda de suas infâncias, no que Romão (2014) destaca de “territórios de referências”.

Para tanto, os pais e evidenciando o pai das irmãs que mesmo aposentado continuou trabalhando e o fato de Dalci e Glades conseguirem uma bolsa de estudos é devido nas relações que Argemiro estabeleceu-se com famílias de influência em Criciúma, como é o caso dos “Casagrandes” e os “Freitas”. Além da importância familiar, as referências escolares contribuíram para o horizonte com que a profissão de ser professora possibilita-se um status social bem como por melhores condições de vida. Junta-se a isso, as relações que a família foram se estabelecendo na cidade oportunizados desde a migração de seus bisavôs e avôs atraídos pelas carboníferas na região.

## 4 CONCLUSÃO

Por meio das memórias das irmãs foram analisados os fragmentos das suas infâncias, compreendendo que suas histórias se entrelaçam no meio social onde viveram, bem como, revelando alguns elementos perceptíveis ainda quando crianças de sonhos e motivações de desejarem serem professoras. Analisar suas experiências é colaborar para a compreensão do processo histórico que só foi possível por meio das lembranças que as irmãs dispuseram para este Trabalho de Conclusão de Curso - TCC. É entender suas aspirações como mulheres negras e educadoras que em suas memórias retratam suas trajetórias na cidade de Criciúma nas décadas 1960-1980 e em outras cidades no Estado onde exercem suas profissões.

Contribuir para a valorização da cultura negra no município de Criciúma, é ressignificar suas tradições e modos de se inserir socialmente. Logo, discutir as memórias e trajetórias de quatro irmãs negras e professoras é dar voz a elas no qual esta “significa a dinâmica entre a constituição do indivíduo e seu meio social”<sup>55</sup> propondo uma reflexão e os motivos com que essas professoras optaram por escolherem a área educacional para suas profissionalizações.

Contudo, estabelecer novos olhares sobre a educação por um viés racial de maneira a colaborar para uma possível reflexão da temática discutida. Cooperando com a legislação 10.639/03 na qual uma de suas prerrogativas é a contribuição desses sujeitos na área social, no caso dessas professoras, no âmbito educacional auxiliando para uma reflexão sobre a história local.

Dar visibilidade as falas, em especial partes de vivências lembradas das infâncias destas irmãs, é, sobretudo, dar voz e garantir que suas histórias sejam ouvidas e abordadas. Fato é que muito a historiografia tradicional tende a ocultar determinados grupos sociais, como é o caso da população negra. No entanto, esse trabalho visa dar concretude as experiências dessas irmãs e, por conseguinte trazer uma reflexão que contemple temáticas que provoque mudanças na percepção de análises dos sujeitos. Abordar as peculiaridades e subjetividades das lembranças das irmãs é perceber outros olhares sobre as infâncias, pois “as poucas referências existentes fazem com que as análises sobre as especificidades das infâncias [...]

---

<sup>55</sup> NASCIMENTO, Elisa Larkin. **O Sortilégio da Cor**: identidade, raça e gênero no Brasil. São Paulo: Summus, 2003, p.25.

sejam bastante incipientes.” (PAULA; FILHO, 2012, p.96).

No entanto, evocar as memórias das irmãs, é contribuir para a análise histórica de diferentes sujeitos, é contribuir para uma nova forma de pensar a historiografia. Pois essa forma de abordar a compreensão histórica com estas irmãs negras, visa ampliar o entendimento de contextos tão pouco conhecidos e valorizados como o caso da questão racial, específico o de quatro mulheres, irmãs que se tornaram professoras. Desta forma, buscou-se nesse estudo, uma não conformidade com as perspectivas da história oficial, por mais que ela esteja inculcada culturalmente.

Contudo, esse estudo não para por aqui, há que obter um maior entendimento da temática em questão. Pois as análises foram compreendidas a partir das lembranças com que as irmãs dispuseram. Nos fragmentos dos depoimentos das irmãs, pode refletir a compreensão histórica articulada com a teoria para a exploração deste estudo. Logo, outros estudos futuramente podem vir a contribuir para outras perspectivas da temática e interpretações sobre a população negra, no tocante as mulheres negras vinculadas à educação.

Abaixo, deixo algumas frases das irmãs que marcaram durante os depoimentos deste Trabalho de Conclusão do Curso.

Dalci:

“Não só como professoras, as mulheres passam a ocupar os espaços, porque valoriza a mulher. Aí a mulher passa a sair fora de casa, atingindo outros patamares, foi melhorando, se valorizando”.

Dilma:

“A hora que tu for fazer qualquer coisa, tens que saber fazer! Ensinar certo! E a hora que mais me marca é quando eu reencontro meus ex-alunos”.

Estela:

“Nós estamos aí, falando, brigando, lutando [...] A princípio, nós mulheres negras, éramos professora. E a partir do momento que nós dizemos que não

queremos ser mais professoras, queremos ser diretora, coordenadora [...] isso no espaço educacional. Nós passamos a querer ocupar outros espaços”.

Glades:

“Eu quero deixar alguma coisa, pra que eu possa olhar pra trás e perceber [...] que eu beneficiei alguém, eu ajudei alguém, eu fiz alguma coisa! Eu sempre tive isso comigo”.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Dóris Bittencourt; GIL, Carmem Zeli de Vargas. Canções que contam histórias. In: \_\_\_\_\_ **A docência em História: reflexões e propostas para ações**. Erechim: Edelbra, 2012, 165p.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, 484p.

BAIROS, Luiza. Nossos feminismos revisitados. In: \_\_\_\_\_ **Revista Estudos Feministas**, vol. 3, n. 2, 1995, p.458-463. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/16462>>. Acesso em: 20 out. 2016.

BRODBECK, Marta de Souza Lima. **Vivenciando a História: Metodologia de Ensino da História**. Curitiba: Base Editorial, 2012, 184p.

CARNEIRO, Sueli. **Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero**. 2011. Disponível em <<http://www.geledes.org.br/enegrecer-o-feminismo-situacao-da-mulher-negra-na-america-latina-partir-de-uma-perspectiva-de-genero/#gs.null>>. Acesso em: 20 out. 2016.

CRICIÚMA, Prefeitura Municipal. Secretaria da Educação. **Negros e negras em Criciúma: a implementação da lei 10.639/03 e as personagens de uma história desconhecida**. Criciúma: Maria dos Cais, 2008, 171p.

CRUZ, Mariléia dos Santos. Uma abordagem sobre a história da educação dos negros. In: \_\_\_\_\_ **História da Educação do Negro e outras histórias**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005, 278p.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **História do tempo presente**. São Paulo: FGV Editora, 2014. 316p.

DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS DA EDUCAÇÃO BÁSICA. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretoria de Currículos e Educação Integral**. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013, 562p.

FARIAS, Normélia Ondina Lalau de. **Professores/as negros/as na Fucru-Unesc: trajetórias e experiências**. 76 f. Monografia (Especialização em Didática e Metodologia para o Ensino Superior) - Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, 2004.

GOMES, Nilma Lino. Alguns termos presentes no debate sobre as relações raciais no Brasil: uma breve discussão. In: \_\_\_\_\_ **Educação antirracista...** Brasília: MEC, SECAD, 2005. p.42.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006, 222p.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013, 283p.

KRAUSS, Juliana de Souza. Clotildes Lalau: a presença feminina no Movimento Negro em Criciúma / SC a partir da trajetória militante. In: **Simpósio Nacional de História – ANPUH. XXVI**, julho 2011. São Paulo, Anais do XXVI. Disponível em: <[http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1308161931\\_ARQUIVO\\_CLOTI\\_LDESLALAUartigoanpuh2011.pdf](http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1308161931_ARQUIVO_CLOTI_LDESLALAUartigoanpuh2011.pdf)>. Acesso em: 03 out. 2016.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 5. ed. Campinas, SP: UNICAMP, 2003, 541 p.

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: \_\_\_\_\_ **História das Mulheres no Brasil**. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2013, p.443-481.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de história oral**. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2005, 291p.

NASCIMENTO, Elisa Larkin. **O sortilégio da cor**: identidade, raça e gênero no Brasil. São Paulo: Summus, 2003, 412p.

OLIVEIRA, Iolanda de; SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e; PINTO, Regina Pahim. **Negro e educação**: escola, identidades, cultura e políticas públicas. São Paulo: Ação Educativa, ANPEd, 2005, 264p.

OSTETTO, Lucy Cristina; COSTA, Marli de Oliveira; BERNARDO, Roseli. A casa e a vila: a família operária e a moradia na região carbonífera, 1913-1930. In: \_\_\_\_\_ **Memória e cultura do carvão em Santa Catarina**. Florianópolis: Cidade futura, 2004. 394 p.

OTTO, Clarícia. **Nos rastros da memória**. 1. ed. Florianópolis: NUP/CED/UFSC, 2012, 115p.

PAULA, Elaine de; FILHO, João Josué da Silva. As brincadeiras das crianças de um quilombo catarinense: imaginação, criatividade e corporalidade. In: \_\_\_\_\_ **Corpo Infância**: exercícios tensos de ser criança por outras pedagogias dos corpos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012, 374p.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & história cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. 130 p.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos históricos**. Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p.3-15.

\_\_\_\_\_. Memória e identidade social. **Estudos históricos**. Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p.200-212.

RODRIGUES, Elaine; CARDOSO, Michelle Gonçalves. Memórias do carvão:

conflitos e disputas em torno do patrimônio da Companhia Siderúrgica Nacional em Siderópolis/SC. In: \_\_\_\_\_ XVI Encontro Estadual de História da ANPUH - SC. **Anais eletrônicos**. Chapecó: Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), 2016.

Disponível em:

<[http://www.encontro2016.sc.anpuh.org/resources/anais/43/1464835505\\_ARQUIVO\\_TextoCompletoAnpuhChapeco.pdf](http://www.encontro2016.sc.anpuh.org/resources/anais/43/1464835505_ARQUIVO_TextoCompletoAnpuhChapeco.pdf)>. Acesso em: 18 ago. 2016.

ROMÃO, Jeruse Maria (org.). **Africanidades catarinenses: história e cultura afro-brasileira**. João Pessoa, PB: Editora Grafset, 2014, 190p.

SARMENTO, Manuel; GOUVEA, Maria Cristina Soares de (orgs.). **Estudos da infância: educação e práticas sociais**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009, 277p.